

EDUARDA KULIK

**BONECAS NEGRAS, REPRESENTATIVIDADE E INFÂNCIA: UMA ANÁLISE
DO PROJETO BONEQUEIRAS SEM FRONTEIRAS**

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Andréa Bezerra Cordeiro

**CURITIBA
2021**

Este trabalho é dedicado à memória de Miguel Otávio. Vítima do descaso da burguesia brasileira frente à vida dos trabalhadores, trabalhadoras e seus filhos.

Também dedico este trabalho à memória de meu amado filho Raul. Estrela que brilhou seu amor por 21 semanas da minha vida, e hoje, vivo para honrar sua passagem.

“[...] Você ausentou-se. Para outra vida?

A vida é uma só. A sua vida continua

Na vida que você viveu.

Por isso agora não sinto a sua falta.”

(Manuel Bandeira)

AGRADECIMENTOS

Agradeço de todo coração à Professora Andréa Cordeiro, não só pelo carinho e cuidado na elaboração deste trabalho, mas também pela sua chegada na minha vida em 2015. Me lembro do dia que ouvi suas palavras pela primeira vez, ela falava do projeto Bonequeiras Sem Fronteiras, sobre prática e teoria, tudo com muita sabedoria, mas também com muita acessibilidade. Era natural, e sempre me admirou muito ver textos e situações tão complexas serem elaborados por ela desta forma tão orgânica. Sendo assim, agradeço. A professora Andréa é um exemplo constante nos meus anos de curso, no meu trabalho e em toda minha trajetória na pedagogia. O processo do TCC é intenso, mas com toda certeza foi muito mais leve e respeitoso com a sua orientação. Muito obrigada!

Sou muito grata a professora Lucimar Rosa Dias e à professora Renata Peres Barbosa. Foi ao longo da minha Iniciação Científica que tive o primeiro contato com as relações étnico-raciais, aos estudos do grupo ErêYá, e graças às nossas trocas, aos textos debatidos e trabalho elaborado em conjunto, tive segurança em construir meu TCC. Agradeço também à minha colega de Iniciação Científica, Eliza, pela parceria, conversas e momentos compartilhados.

Acredito que para uma conquista ser concretizada, uma rede de pessoas precisa se mobilizar, ou seja, quando um ganha, existem muitos outros por trás para dar o devido suporte. Na minha vida escolar muitas pessoas estavam presentes para que este trabalho se fizesse completo. Agradeço imensamente todo esforço por parte da minha família. Minha mãe, que mesmo enfrentando o machismo ao longo dos anos, se mostrou forte o suficiente para terminar seus estudos depois de adulta. E aqui não quero dizer que isso dá à ela mais mérito, pois defendo uma trajetória escolar na qual a pessoa possa estudar com qualidade e sem nenhum temor, mas, presenciar cenas como essa ainda criança também me fez ir para o caminho da educação. Para além das situações que fizeram da minha mãe uma grande pedagoga, e um dos meus primeiros exemplos dentro da profissão, agradeço a ela todo o esforço, ainda que com mais boa intenção do que boa prática, de me manter na escola e mostrar a necessidade de me apropriar dos conteúdos. Lembro-me da última vez que fomos pegar meu boletim na escola, e ela me disse

que agradecia à Deus por ser a última vez que passava vergonha comigo. Mas, felizmente agora, estou prestes a terminar meus estudos na Universidade Federal do Paraná. Sei que boletins, notas e atribuições ao mérito individual são apenas mecanismos vinculados à nossa sociedade que levam alunos a disputas, e não ao aprendizado. E, melhor ainda, agora minha mãe também sabe. Obrigada mãe, por trazer livros de arte pra mim, pelas tardes no museu, pelos passeios na Rua XV e me mostrar que a vida pode ser muito mais bonita quando enxergamos a arte. Muito obrigada.

Ao meu pai, agradeço pelo exemplo de mudança e amadurecimento ao longo dos anos. Nossa convivência por vezes foi muito difícil, e mesmo do seu jeitinho bruto de ser, percebo as apropriações e esforços para ser um pai melhor e presente. Ao longo da minha trajetória escolar, quando chegavam os boletins com notas catastróficas em nossa casa, e minha mãe desesperada perguntando o que seria de mim, meu pai, com toda sua tranquilidade me olhava e dizia: “não se preocupa não, Duda. O pai é burrão que nem você!”. Tudo isso ficou marcado, e não de uma forma negativa. Éramos nós que estávamos errados em não aprender conforme os moldes do sistema educacional? Meu pai sempre foi muito inteligente e engenhoso, por que as notas baixas? Questionamentos como esse também me trouxeram até aqui e foi meu pai que me levou até eles. Sendo assim, muito obrigada, pai.

Desde muito nova digo à minha irmã que ela é o motivo da minha existência. Não só por eu ser o seu presente de natal. Mas porque foi ela que me deu sustentação em momentos muito delicados, nos quais eu realmente pensei que minha existência já não fazia sentido nesse mundo. Minha irmã Amanda, amada de todas as suas formas, eu te agradeço por tudo que você é e representa pra mim. Nossos momentos são só nossos, os de pequenas alegrias, como quando assistíamos A Usurpadora juntas, nossos shows do Humberto Gessinger, ou nas horas críticas, quando só num olhar sabíamos que precisávamos ficar dentro do quarto abraçadas na sua cama, até que tudo estivesse mais calmo. A palavra irmandade tem sentido pra mim graças a você, e esse trabalho, e todas as minhas realizações aconteceram porque você esteve (e está) do meu lado pra me apoiar. Muito obrigada.

Sob o sol forte ou chuva gelada, minha avó Marcolina me buscava na escola. Muito do que sei sobre como amar e mostrar meu amor às pessoas aprendi com ela. Cuidadosa, preocupada e atenta, era ela que sempre estava lá por mim. Me

buscava na escola e cumpríamos o trajeto a pé conversando desde a saída até o portão de casa, ela me perguntava com atenção sobre o que eu havia aprendido, deixava minhas comidas favoritas prontas, especialmente quando eu não me sentia bem, e segurava minha mão gelada no terror do primeiro dia de aula. Foi a minha avó que muitas vezes me amparou e me acolheu, agradeço sempre à ela por todo esse carinho, por ser ela que estava na maternidade com a minha mãe quando vim ao mundo, e se mostrar sempre presente, ainda que muito velhinha. Obrigada, vó Marcola.

Brinco com a minha amiga Adeliz que o início da nossa amizade foi como uma cena de filme, pois, a primeira vez que vi ela indo pegar o ônibus já no terminal, e quando a vi, pensei no quanto aquela menina parecia ser estudante de design de moda. Mas essa menina pegou um ônibus antes, e eu acabei me atrasando para chegar na sala, quando sentei às pressas, a menina que parecia ser estudante de moda, realmente era! E foi ela que se tornou minha grande amiga. Nós entramos e saímos juntas da empreitada na moda, choramos juntas na escadaria da Federal só desejando uma vaguinha, e entramos juntas no vestibular UFPR de 2016. Nesse ano ela defendeu seu TCC, e agora é a minha vez. Para além de muitas coisas em comum, agradeço pela amizade verdadeira. Em sete anos fizemos muitos planos, e percebo quantos deles já se concretizaram. Sou grata por toda nossa relação, por esse amparo sempre presente, ainda que exista agora a ponte Curitiba - São Paulo, a distância é pequena comparada a nossa amizade, que mesmo depois de meses sem nos vermos, sempre parece que foi ontem. Muito obrigada, Liz.

Ao meu companheiro Bruno, agradeço mesmo antes de falar sobre a nossa história. Nosso relacionamento sempre foi motivo de muito orgulho pra mim, pois sei o quanto somos felizes juntos, temos uma conexão que até então não sabia que poderia ser possível, e aproveitamos cada momento com muita intensidade. Mas, para além das maravilhas que nosso relacionamento pode proporcionar, foi ao seu lado que vivi a maior dor que poderia sentir. Vivemos juntos o rasgo no peito da partida do nosso primeiro filho, o Raul. E a partir da nossa perda muitas coisas se desencadearam. Eu pensei em desistir da pedagogia e ir pra artes visuais, e ele me apoiou. Decidi que essa desistência não fazia sentido, e ele também me apoiou. Me percebi sem qualquer condição para dar aulas na educação infantil, ele seguiu me apoiando. Precisei aprender a dirigir, ele me apoiou mais uma vez. Enquanto esse trabalho era escrito, ele estava me apoiando, seja em pratos de janta cheios de

carinho, passeios para espairecer, conversas sobre o assunto, ou estímulo necessário para não desistir. Em qualquer piscar, sei que posso contar com Bruno, e não de uma forma passiva. É ele que me questiona, debate, aprende e ensina. Obrigada, meu companheiro de vida, por esses anos juntos, pelo seu apoio, pelo seu olhar atento, por você ter ido fazer aquela trilha e me conhecido. Eu amo a pessoa que se tornou ao longo desses anos. Amo nós dois e tudo que construímos juntos.

Agradeço à Maia, nossa cachorrinha caramelo, que veio morar na nossa família no dia 29 de setembro de 2018, um mês após a morte do nosso filho. A Maia chegou com seu jeitinho afobado e amoroso e nos adotou. Foram muitos os sustos que passamos com ela, mas foi com a sua chegada que sentimos pela primeira vez que a vida precisava seguir, e ela estaria do nosso lado para que esse percurso tão doído do luto fosse mais leve. Hoje em dia não vivemos mais o luto, mas a Maia segue conosco mostrando que amor só cresce. E eu a amo de todo coração. Obrigada, Maiazinha.

Aos meus amigos, camaradas, e compadres, Bruna e França, meu agradecimento cheio de carinho. Foi a partir da nossa amizade que percebi que o amor pode se expressar de muitas formas, desde uma noite de pagode lá em casa, que nos divertimos sem medo do amanhã, a expressões muito minuciosas, como ir na nossa casa comer arroz, feijão e bife, num momento no qual nós mal tínhamos forças pra sentir fome, e ainda fazer a gente se divertir a ponto de reviver o nosso amor por CPM22. Essas delicadezas, alegrias de fazer minha barriga doer de tanto rir, viagens compartilhadas, e apoio em qualquer circunstância, seja na dor ou no amor, reafirmam todo amor, lealdade e admiração que sinto em torno da nossa amizade, e assim fez com que eu tivesse força pra chegar até aqui. Muito obrigada por tudo. Eu não me imagino feliz sem ter uma forma de compartilhar isso com vocês.

Aos meus camaradas do Outros Outubros Virão, obrigada pelo ano intenso de militância. Mesmo diante de todo o caos e tantos momentos duros de tristeza, foram eles que deram sentido à minha prática, tanto como trabalhadora, quanto militante. Sei que estou do lado dos trabalhadores, em um momento no qual sofremos com tantas perdas, mortes e intolerância, acordo e luto todos os dias por um objetivo compartilhado: uma sociedade mais justa para todos. Firmes!

Por fim, obrigada a todas e todos que estiveram presentes ao longo da minha jornada na universidade. Meus professores, colegas, amigos, primos, familiares e trabalhadores que fizeram esse trabalho ser possível. Agradeço de coração a todos pelo carinho, conversas, entusiasmos, e força de trabalho. Muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho procura trazer uma discussão sobre a infância da criança negra, atrelando a importância de refletir, seja na escola ou em espaços de educação não formal, sobre a representatividade. Procuramos trazer questões como a estereotipização da identidade negra a partir de tentativas de trabalhar relações étnico-raciais no cotidiano, como na construção de bonecas ou em personagens de livros. Com objetivo de exemplificar a pesquisa, apontando práticas de representatividade, no qual há um processo de pesquisa e cuidado com o trabalho, trouxemos o Projeto Bonequeiras Sem Fronteira. Assim, elaboramos uma entrevista com as participantes do projeto a fim de entender como foi construído esse trabalho de representatividade, de que modo eram elaboradas as pesquisas sobre as crianças que receberam as bonecas e quais os impactos essa prática reverberou, seja para as crianças, como também para as voluntárias participantes.

Palavras-chave: Representatividade; infância, relações étnico-raciais; bonecas; Bonequeiras sem Fronteiras.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.2 OBJETIVOS	11
1.3 JUSTIFICATIVA	12
1.3. METODOLOGIA	15
2. INFÂNCIA DA CRIANÇA NEGRA E EDUCAÇÃO	15
2.1 REPRESENTATIVIDADE	21
2.2 DA ESTÉTICA AO ESTEREÓTIPO, COMO É A OFERTA DE BONECAS?	24
2.3 A BONECA COMO FONTE DE REPRESENTATIVIDADE	27
2.4 BONECAS DE NÓS, OBJETOS TRANSICIONAIS E AS ABAYOMIS	29
3. SOBRE AS BONEQUEIRAS SEM FRONTEIRAS	32
3.1 A VIVÊNCIA DAS BONEQUEIRAS SEM FRONTEIRAS NO CAMINHO DA REPRESENTATIVIDADE DA IDENTIDADE NEGRA	33
4. ANÁLISE DE ENTREVISTA	36
5. CONCLUSÕES	47
REFERÊNCIAS	48
ANEXOS	52

1. INTRODUÇÃO

Com intuito de problematizar a infância de crianças negras em relação a boneca¹, considerando a baixa ou nenhuma oferta de bonecas negras para crianças, seja nas creches, brinquedotecas ou escolas, este trabalho reúne questões que dialogam com a problemática da infância, negritude e brincar. A partir dos conteúdos aqui abordados, procuramos entender a relevância do papel da boneca no contexto da vivência infantil para a construção social das crianças e como este objeto pode interferir na sua percepção de mundo e em suas brincadeiras.

Damos início discutindo alguns elementos que demarcam frequentemente as infâncias das crianças negras. Neste primeiro momento da pesquisa, procuro trazer conteúdos a respeito da sua formação social, autoconhecimento e valorização cultural. Como aporte teórico, utilizei autoras como Cavalleiro (2018), que discute em seu livro “Do silêncio do lar ao silêncio escolar”, as formas veladas da violência racial que as crianças negras vivem no cotidiano da escola. Também trouxe à discussão Carmo (2015), que vai falar acerca da construção da imagem da criança negra, a autora conduz seu trabalho trazendo questões relacionadas a falta de referências negras no cotidiano das crianças. Gomes (2017) aparece nesta pesquisa para abrir o debate relacionado ao papel do Movimento Negro dentro das conquistas já presentes na escola, no que diz respeito à obrigatoriedade do ensino da cultura afro-brasileira e africana em sala de aula. Por fim, trazemos Azevedo (2021), e Rosa (2021), a partir de *lives* relacionadas ao Projeto Extensão ErêYá Grupo de Estudos UFPR, no qual as pesquisadoras participantes discutem sobre a oferta de bonecas negras na escola e também a construção da identidade negra tanto da criança, quanto do adulto.

Em seguida, abordamos a representatividade. Para este tópico, trouxemos Dias (2013) e Cavalleiro (2018) que abrem a pauta expondo o lado oposto da questão, ou seja, como é estruturado o racismo e porque é tão necessário que crianças e adultos se sintam representados com figuras afro-brasileiras e africanos de forma positiva.

¹ Optamos por utilizar bonecas no gênero feminino devido à sua história e construção social, entendemos que aqui estarão inclusos também os bonecos que foram produzidos e citados ao longo do processo.

Não bastando a oferta de brinquedos e discussões em sala de aula que propiciem o debate racial, é fundamental que haja coerência por parte de quem está mediando esta oferta para que não haja estereótipos que mais ferem a cultura afro-brasileira e africana, do que realmente propiciam a promoção das relações étnico-raciais em sala. Portanto, abrimos a questão no ponto “da estética ao estereótipo”, onde questionamos sobre como são as ofertas de bonecas negras para as crianças, e também como são retratados personagens e figuras negras no geral. Autores como Cavalleiro (2018), Dias (2013), que dão o aparato teórico para esta discussão. E obras literárias para ilustrar formas estereotipadas de se propor o debate racial.

Seguindo a discussão, trazemos a importância da boneca negra como fonte de representatividade. Neste ponto, é lincado muito do que já debatemos até aqui com o que está por vir no desenvolvimento do trabalho, pois é destacada toda a relevância de se buscar pela boneca negra e fazer deste brinquedo algo presente em sala de aula, caracterizando-se como um objetivo necessário e com histórico de resistência e representatividade. Ao fim, abrimos a discussão para conhecer o Projeto Bonequeiras Sem Fronteiras, no qual, voluntários do Brasil e de outras partes do mundo se organizaram de forma que nos fez perceber a potência de uma boneca na vida de uma criança e como tal objeto carrega tanto peso na vivência plena da infância e no direito de brincar.

Acerca da construção da boneca ao longo dos anos e suas funções perante a sociedade, trazemos como debate o saber empírico por trás do uso das bonecas para as crianças pequenas ao longo do processo de separação de seus responsáveis. O debate é guiado por Scheven (2006), que em seu livro *Minha Querida Boneca*, faz considerações sobre a construção da boneca desestruturada, ou então, as bonecas de nós, que é exemplificada com uma análise das bonecas *Abayomi*, análise que se fará a partir de algumas problematizações acerca da sua construção, trazidas por Gomes; Bizarria; Collet; Sales (2017), autores que mostram a história de resistência a partir da construção das bonecas *Abayomi*, desmistificando alguns dos imaginários populares que carregam histórias trágicas sobre a cultura afro-brasileira e africana.

Com a finalidade de implementar esta pesquisa com projetos nos quais se mostrem presentes no processo de uma educação que promova as relações

étnico-raciais, trouxemos a experiência das Bonequeiras Sem Fronteiras e suas práticas que visam a inclusão das crianças que fariam parte das ações. Para isso, trazemos um pouco da trajetória do projeto, como ele surgiu e seus princípios. As informações acerca do projeto vieram de suas páginas disponíveis em redes sociais, Facebook e Blog, além das análises realizadas em duas pesquisas: *As Bonequeiras sem Fronteiras - inaugurando o fazer manual como modo de resistência* ou *Sentir é mais que saber* (COSTA, 2017), e *Entremeios e despedidas* de uma pesquisa-ação: *O uso da literatura infantil em práticas curriculares para uma educação das relações étnico-raciais em um Centro de Educação Infantil do município de Maceió* (TORRES, 2019).

Além do levantamento do escopo e histórico do projeto foi realizada uma entrevista através da plataforma Zoom com algumas participantes das Bonequeiras sem Fronteiras. A “roda de conversa” contou com a participação de 6 integrantes do projeto. Para não interferir no processo de pesquisa, a condução desta etapa foi realizada apenas pela orientanda, que propôs um roteiro breve e semi-estruturado de questões e ir guiando o processo, se necessário. A partir da entrevista, realizamos a sua transcrição, já no intuito de encontrar elementos importantes correspondentes a pesquisa.

1.2 OBJETIVOS

O objetivo geral deste trabalho é discutir a relação entre questões que permeiam as infâncias negras, tais como a representatividade, autoestima e racismo, e sua relação com a oferta e o brincar com bonecas negras.

Dentro dos objetivos específicos, esta pesquisa almejou:

- Discutir o conceito de infância como construção social em relação a realidade de infâncias negras, vividas em uma sociedade marcada pelo racismo estrutural.
- Perceber a relevância do papel das bonecas e bonecos na formação social da criança seja como objeto de apego e transição nas primeiras épocas da vida infantil, seja como ferramenta de representatividade;

- Entender as formas em que são representadas as bonecas negras no mercado e na cultura, pensando em questões como padrões de beleza, estereótipos, representatividade, analisando as condições que podem afastar a boneca negra da possibilidade de carregar bons significados e ser agente de representatividade;
- Conhecer uma iniciativa que afirma ter se preocupado com as questões da boneca negra e representatividade: o projeto Bonequeiras sem Fronteiras
- Analisar registros fotográficos relacionados ao projeto Bonequeiras Sem Fronteiras, buscando perceber a relação da criança com as bonecas e os bonecos, com foco nos aspectos da representatividade.

1.3 JUSTIFICATIVA

A partir das vivências em sala de aula, como professora, observo o impacto da ausência de referências positivas de personalidades negras no cotidiano escolar. Não há (ou há muito poucas) histórias, músicas, referências de artes visuais e brinquedos que apresentem a cultura afro-brasileira e africana aos nossos alunos e alunas, apesar da lei 10.639/03, que trata da obrigatoriedade do ensino da cultura afro-brasileira e africana nas escolas. Percebemos a constante ausência, ou ainda, a apresentação da educação para as relações étnico-raciais feita de forma equivocada e somente em datas pontuais, como ressalta Gomes (2017):

Podemos dizer que a relação diversidade-currículo se defronta com um dado a ser equacionado: os(as) educandos(as) são diversos também nas vivências e controle de seus tempos de vida, trabalho e sobrevivência, gerando uma tensão entre tempos escolares e tempos da vida, entre tempos rígidos do aprender escolar e tempos não controláveis do sobreviver. Esta tensão é maior nos coletivos sociais submetidos a formas de vida e de sobrevivência precarizadas. (Gomes, 2017 p.38)

Ou seja, o acesso a uma educação a qual respeite a diversidade cultural de nossas crianças e jovens ainda é muito escasso, e mostra as marcas de um sistema educacional que privilegia a cultura eurocêntrica, no caso, cultura que se mostra dominante, que reverbera na escola, já que para além de ser um espaço de ensino aprendizagem, também é espaço sociocultural (GOMES, 2007), fazendo com que as camadas mais pobres sejam as menos favorecidas ao longo deste processo.

Essa ausência, ou apresentações pontuais, está longe de ser acidental. Prevaler a cultura dominante envolve manter a lógica de exploração das pessoas que se encontram em situação desigual. Se nossos estudantes negros e negras tem menos oportunidade de garantir seus direitos educacionais e de assistência básica, serão eles que possivelmente estarão em uma situação mais desfavorável no mercado de trabalho. A escola não apenas reproduz a subalternização de vidas negras, ela ajuda a criar esse estado de coisas.

Pensando sobre as bonecas ofertadas para as brincadeiras cotidianas, mesmo em um país com uma grande parte da população negra, as bonecas são em sua maioria brancas, do gênero feminino, seguindo o padrão de beleza imposto ao longo dos anos, ou seja, magras, loiras e maquiadas. Nossos alunos e alunas não se vêem naqueles brinquedos, às vezes, ainda pior, procuram transformar suas imagens a semelhantes àquelas bonecas, e buscam ao longo de suas vidas estarem cada vez mais próximos ao que elas representam.

O mundo apresentado na escola era o dos brancos, no qual as culturas europeias eram vistas como superiores, o ideal a ser seguido. Eu reparava que minhas colegas brancas não precisavam pensar o seu lugar social da branquitude, pois eram vistas como normais: a errada era eu. Crianças negras não podem ignorar as violências cotidianas, enquanto brancas, ao enxergarem o mundo a partir de seus lugares sociais - que é um lugar de privilégio - acabaram acreditando que esse é o único mundo possível. (Ribeiro, 2019 p.10)

Focando nessa seara Dias (2013) apresenta que tal situação social em torno da representação “não é uma questão que envolve apenas o negro, mas sim o branco e toda a sociedade. A escola precisa trabalhar para reverter esse cenário”. Isto posto, é de grande importância existirem trabalhos dedicados a pensar minuciosamente os cuidados com os brinquedos oferecidos para e explorados pelas crianças, assim, construímos maior repertório para que nós, professoras e professores, tenhamos possibilidades de trabalho conscientemente inclusivas em sala de aula, além de problematizar a ausência constante de referências africanas e afro-brasileiras nas escolas, problema que por vezes é tão comum, e também banalizado.

Para que a pesquisa fosse um pouco além do aspecto de apontar as exclusões de brinquedos representativos da diversidade, procuramos abarcar

também experiências positivas, como as vivenciadas dentro do projeto das Bonequeiras Sem Fronteiras. Para isso, realizamos uma pesquisa de cunho bibliográfico a partir de artigos relacionados à temática da boneca negra e infância, associada a uma pesquisa de campo na forma de “Roda de Conversa”, onde ouvimos os relatos de experiência e conhecemos as narrativas destas mulheres sobre sua participação e o papel das bonecas negras nas vivências do projeto. Além disso analisamos algumas imagens das páginas de redes sociais relacionadas do projeto, no qual, ao longo dos anos foi incorporada à conduta das bonequeiras participantes entenderem mais a fundo as comunidades nas quais seriam entregues as bonecas e bonecos, visando representar com respeito a cultura local, sem estereótipos ou embranquecimento, tendo em vista a importância dada ao objetivo de que quem ganha a boneca possa se enxergar num contexto de sociedade onde essa pessoa é valorizada pela sua história e também características, tanto corporais como culturais assim, muito além de apenas se verem representadas em uma boneca, as crianças criam sentimentos de pertencimento, buscam mais sobre suas histórias e entendem-se como seres sociais participantes ativos da nossa sociedade e caminham rumo ao fortalecimento de suas identidades em um movimento de resistência.

Compreendemos que a construção da identidade é um processo histórico, social e subjetivo que demarca nossa inserção no mundo. Entender o passado se faz necessário para desvendar como foi a construção de uma identidade brasileira marcadamente constituída pela desigualdade de direitos, de acesso e permanência aos bens e espaços públicos, culturais e sociais. Esta teve seu nascedouro na sustentação de teorias racistas e discriminatórias que negaram a humanidade de milhares de povos africanos e indígenas. (Carmo, 2015 p.14706)

É importante ressaltar que a inserção de bonecas e brinquedos representativos no geral, não é um favor, ou algo que deve se delimitar a datas especiais. Se faz necessário trazer o porquê dessa ausência tão longa até a chegada desses brinquedos em sala, e conversar com as crianças sobre o racismo presente no dia-a-dia das escolas. Essa ausência é também uma forma de racismo. Cavalleiro (2018), relata em sua pesquisa questões que cercam o apagamento do racismo em sala, nas quais por vezes, professoras percebem atitudes racistas

vindas de alunos para outros colegas e consideram tais atos como “brincadeiras típicas da idade”. Negar o próprio racismo vindo de nossas condutas no cotidiano e também o de quem nos cerca, ajuda a sustentá-lo de forma permanente.

1.3. METODOLOGIA

O presente trabalho se constitui numa pesquisa de cunho qualitativo, que forneceu aporte e diálogo para a análise crítica de depoimentos, colhidos através de entrevista coletiva e semi-estruturada, e imagens presentes nas redes sociais do projeto Bonequeiras sem Fronteiras.

2. INFÂNCIA DA CRIANÇA NEGRA E EDUCAÇÃO

A visão de infância a qual aderimos compreende o conceito de infância como uma construção social (PINTO; SARMENTO, 1996), neste sentido, entendemos que para além da idade e características biológicas, há fatores derivados da nossa sociedade que fazem com que a vivência da infância seja diferente por várias razões, e para algumas pessoas ela exista de maneira absolutamente distinta do que no senso comum associamos a infância. Ser criança não necessariamente acarreta viver a infância idealizada, cercada de cuidados e respeito, visto que há muitas crianças em situações de negligências, que são obrigadas a trabalhar, sofrem com diversos tipos de violência e precisam encontrar formas de sobreviver desde muito cedo.

Por muitos anos a criança foi tratada com limitadas distinções em relação ao mundo adulto (PINTO; SARMENTO, 1996), interagindo com os mais velhos, trabalhando e usando vestimentas similares. O processo de elaboração de uma outra percepção de infância veio a partir do século XVII mas com maior predominância no século XVIII, porém, esta possibilidade de vivência mais distinta do mundo adulto era reservada somente à crianças filhas de burgueses e aristocratas da época (PINTO; SARMENTO, 1996). Pensando a partir deste recorte histórico, percebe-se que atualmente a vivência da infância protegida e preservada ainda se reserva para determinadas classes da nossa sociedade, evidente que crianças em situação de vulnerabilidade carregam especificidades que as forçam

deixar de viver a infância para auxiliar na sobrevivência de seus familiares, ou ainda têm suas vidas interrompidas pela violência doméstica ou urbana. Sobre essas questões, quem são as crianças e quais são as infâncias que se encontram em vulnerabilidade social?

Dados coletados na plataforma do G1 em novembro de 2021, mostram que em 5 anos, 35 mil crianças foram assassinadas no nosso país. Esses dados se tornam ainda mais impactantes, quando atentamos para o detalhamento dos dados sociais das vítimas. Entre as crianças mortas na faixa etária até os 9 anos de idade, 40% morreram em casa, e 56% delas são negras, sendo 33% meninas. Dos 15 aos 19 anos, 90% das vítimas são meninos, e 80% deles são negros. Exemplos como os citados expressam quem são as crianças que são violentamente retiradas daquele ideal de infância protegida, seja por necessidades relacionadas a sua sobrevivência, ou pela sua morte prematura. São em média 7 mil crianças mortas por ano no nosso país, os meninos negros são a maioria em todas as faixas etárias. Para as crianças, o maior motivo de morte está relacionado à violência doméstica, de 0 a 4 anos 90% dos assassinos são conhecidos das vítimas. Porém, para adolescentes, a maior causa é a da violência urbana, incluindo mortes por policiais.

Há casos que se destacam nas mídias e trazem a reflexão sobre o que é ser uma criança negra em nosso país. Para exemplificar como opera o racismo estrutural (considerando também intersecção com a absurda diferença no tratamento das infâncias em diferentes classes sociais), trazemos o exemplo da brutal morte do menino Miguel Otávio, no dia 2 de junho de 2020. Miguel acompanhava sua mãe Mirtes Renata de Souza Santana, que trabalhava, em plena pandemia COVID-19, como empregada doméstica para Sari Corte Real, que por descaso deixa Miguel, que tinha apenas 5 anos, sozinho em um elevador de serviço do prédio de luxo em que mora em Recife. A criança foi deixada sozinha andando pelo prédio em busca da mãe, o que resultou na sua queda de 35 metros, do nono andar do prédio.

Um ano após a morte do filho, Mirtes relata que ainda sonha em acordar e encontrar seu filho. Já Sari Corte Real segue ré do caso que se arrasta para chegar a uma conclusão e ela ser julgada pelo crime cometido contra Miguel.



[Figura 1: Miguel Otávio em sua festa de aniversário. Fonte:

<https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/09/30/caso-miguel-e-citado-como-exemplo-de-racismo-sistematico-na-pandemia-em-relatorio-de-grupo-da-onu.ghtml>]

O racismo estrutural deriva do processo de fim da escravização no nosso país. Quando é entendido que não há mais formas de evitar o final da escravidão, o Brasil encontra formas, por meio de leis e medidas, que possibilitem a marginalização dos corpos negros na nossa sociedade. Em 1888 temos a Lei Áurea, 1889 a Proclamação da República, assim, começa a trazer da Europa - atraídos para receber um pedaço de terra, animais e dinheiro - italianos, alemães e japoneses, para substituir o trabalho dos escravizados. E em contrapartida, os negros que passaram pela abolição da escravatura, não podiam comprar suas terras, estavam sem acesso à educação e não tinham trabalho. Paralelo a isso, havia a Lei da Vadiagem (1893), onde negros que fossem encontrados nas ruas sem fazer nada eram presos, e a Lei do Capoeira (1893), que proibia os negros de jogarem capoeira, e manifestar suas culturas na rua. Um dos objetivos por trás destas leis seria o de inibir o agrupamento de pessoas negras nas ruas, evidenciando o racismo que foi se estruturando até os dias atuais. Percebendo que situações como as retratadas acima ainda são presentes, dá-se os frutos do racismo estruturado em nosso país historicamente.

Em seu Pequeno Manual Anti-racista, Ribeiro (2019), fala sobre o racismo estrutural. Para a autora:

A população negra tem menos condições de acesso a uma educação de qualidade. Geralmente, quem passa em vestibulares concorridos para os principais cursos nas melhores universidades públicas são pessoas que estudaram em escolas particulares de elite, falam outros idiomas e fizeram intercâmbio. E é justamente o racismo estrutural que facilita o acesso desse grupo. Esse debate não é sobre capacidade, mas sobre oportunidades - e essa é a distinção que os defensores da meritocracia parecem não fazer. Um garoto que precisa vender pastel para ajudar na renda da família e outro que passa a tarde em aulas de idiomas e de natação não partem do mesmo ponto. (Ribeiro, 2019 p.17)

Segundo o sociólogo e pesquisador científico da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, Luís Eduardo Batista, que é coordenador do Grupo de Trabalho “Racismo e Saúde” da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco), em uma entrevista para a Faculdade de Medicina UFMG em outubro de 2021, “a população negra tem menor escolaridade, renda e vive em regiões da cidade que tem maior dificuldade de alimentação, saneamento e água encanada, o que interfere processo de saúde e doença”. Ou seja, mesmo 133 anos após a abolição da escravização de corpos negros, são estes que sofrem com as expressões do descaso acarretado pelo racismo estrutural.

Pensar a infância de uma criança negra envolve também refletir acerca do processo de descoberta da sua negritude, Azevedo (2021) pontua, em uma live sobre bonecas negras² o longo caminho que percorreu para se descobrir como uma mulher negra e como esse processo pode ser longo.

Desde cedo, pessoas negras são levadas a refletir sobre a sua condição racial. O início da vida escolar para mim foi um divisor de águas: por volta dos seis anos entendi que ser negra era um problema para a sociedade. Até então, no convívio familiar, com meus pais e irmãos, eu não era questionada dessa forma, me sentia amada e não via problema nenhum comigo: tudo era “normal”. “Neginha do cabelo duro”, “neginha feia” foram alguns dos xingamentos que comecei a escutar. Ser a diferente -o que quer dizer não branca- passou a ser apontado como um defeito. Comecei a ter questões de autoestima, fiquei mais introspectiva e cabisbaixa. Fui forçada a entender o que era racismo e a querer me adaptar para passar despercebida. Como diz

2

https://www.youtube.com/watch?v=NhEHLIU0XWU&ab_channel=Er%C3%AAY%C3%A1GrupodeEstudosUFPR (acesso em: agosto de 2021)

a pesquisadora Joice Berth “Não me descobri negra, fui acusada de sê-la”.
(Ribeiro, 2019 p.10)

Conhecendo esses relatos e pensando também nas crianças que estão em sala de aula, me questiono sobre quais caminhos essas crianças percorrem para se reconhecerem no mundo, e se ele vem regado de respeito e valorização da sua história, ou sua cultura e ancestralidade é apagada. Refletindo a problemática, Cavalleiro (2018) aborda em sua pesquisa questões relacionadas à representação da identidade negra na escola, segundo ela:

Os estudos apresentados evidenciam o fato de o sistema formal de educação ser desprovido de elementos propícios à identificação positiva de alunos negros com o sistema escolar. Esses estudos demonstram a necessidade de uma ação pedagógica de combate ao racismo e aos seus desdobramentos, tais como preconceito e discriminação. (Cavalleiro, 2018 p.)

Crescemos e nos formamos em sociedade de forma coletiva, muito do que consideramos certo ou errado, bonito ou feio, vem da influência do nosso meio, e o que vivemos na escola conta como determinante na formação da nossa identidade. Por vezes, a criança negra enfrenta a ausência de elementos correspondentes a sua cultura e ancestralidade em sala de aula, sua imagem não está concretizada nos brinquedos, livros ou desenhos, a necessidade da sua representação de forma positiva e rotineira vai para além das datas comemorativas, Carmo (2015) escreve sobre a urgência de tratarmos das belezas das crianças, de seus cabelos crespos e suas histórias, mostrar a força da sua cultura para essas crianças é uma ferramenta de empoderamento para eles e enfrentamento do racismo.

Sobre a questão da ausência de imagem das crianças negras nos materiais e brinquedos, Cavalleiro (2018) também nos aponta outro elemento de falta na educação escolar das crianças: a ausência de contato e troca de carinho das educadoras com essas crianças negras. Para as professoras entrevistadas por Cavalleiro, as crianças negras estavam vinculadas a imagem de sujeira, cheiro ruim e piolho. Por consequência, essa percepção transpassava para toda turma. Algumas crianças também entrevistadas por Cavalleiro revelam “me xingam de preta que não toma banho [...] ficam me xingando de preta cor de carvão, preta fedida. Eu contei para a professora e ela não fez nada.” (2018 p.50). A ausência da

professora em mediar determinada ação de racismo contra as crianças negras expõe não só o despreparo dessas e desses profissionais, mas convivência com o que foi dito, visto que a primeira a expor essa percepção negativa sobre os corpos negros foi ela mesma.

Destaca-se aqui o papel fundamental do Movimento Negro, que para Gomes (2017) “Ressignifica e politiza afirmativamente a ideia de raça, entendendo-a como uma potência de emancipação, e não como uma regulação conservadora; explicita como ela opera na construção de identidades étnico-raciais.” Assim, esse movimento social teve papel fundamental em mostrar tal necessidade em suas lutas e conquistas, como a do Artigo 26A da Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 que aborda a obrigatoriedade do ensino da cultura africana e afro-brasileira em sala de aula. Dada tal conquista, é importante salientar que como educadores temos o dever de introduzir a cultura africana e afro-brasileira de forma orgânica, sem esperar datas específicas ou eventos de formas estereotipadas, colocando ainda mais em pauta as sátiras que ferem a memória de muitos.

Ainda que existam Leis que visem inserir a diversidade racial em sala de aula, pesquisas como a de Cavalleiro (2018) apontam a ausência dessa representação positiva no cotidiano escolar. Rosa (2021) aborda, em uma live³ vinculada ao projeto de extensão Bonecas Negras do Grupo ErêYá- UFPR, o debate sobre a presença das bonecas negras em sala de aula. Para ela, a boneca e o boneco, são os únicos brinquedos que imitam a forma humana e possibilitam brincadeiras que reproduzem a rotina do dia-a-dia. A partir disso, a ausência das bonecas negras conta muito para essas crianças, já que se as bonecas não se assemelham com a sua aparência, ela encontrará dificuldades para se representar nas brincadeiras que ressignificam seu cotidiano.

Mas se já existem tantas pesquisas e debates sobre educação étnico-racial, como podemos evoluir para uma educação antirracista? Gomes (2017) nos mostra que o debate sobre a questão racial ainda é muito limitado, e às vezes são apresentados argumentos nos quais anulam a presença do debate de raça na sociedade, seja nas escolas, ou para além delas Alegar que “somos todos iguais” é abrir brecha para que não se discuta raça, assim, limitamos nosso caminho do

3

https://www.youtube.com/watch?v=vtVZ0AnVU3E&ab_channel=Er%C3%AAY%C3%A1GrupodeEstudosUFPR (acesso em: abril de 2021)

combate ao racismo, seja na infância ou na vida adulta, pois não há formas de se combater o inexistente.

Essa lacuna na interpretação crítica sobre a realidade racial brasileira e sobre as lutas empreendidas pela população negra em prol da superação do racismo tem impedido o Movimento Negro de demandar e exigir da escola práticas pedagógicas e curriculares que visem o reconhecimento da diversidade étnico-racial e o tratamento digno da questão racial do povo negro no cotidiano escolar. (Gomes, 2017 p.22)

Então, é necessário reconhecermos a presença do racismo na escola e nas nossas práticas para conseguirmos evoluir à uma educação antiracista. Cavalleiro (2018) aponta em seu estudo em uma escola que grande parte das professoras não se percebem como racistas. Para ela, esse sentimento de ofensa e negação contribui para a estagnação das condutas em sala de aula. Neste caso, as professoras observavam atitudes discriminatórias vindas das crianças e consideravam como brincadeiras, e no caso, esses atos eram para com as crianças negras, em suas imagens e costumes eram ditos como “feios”, “engraçados” ou “ruins”.

2.1 REPRESENTATIVIDADE

Abordar questões sociais e raciais na educação infantil se faz necessário para que mesmo ainda crianças estão conscientes das condições históricas que os trouxeram até aqui. Giddens, citado por Pinto (1995) afirma que “a criança não absorve passivamente as influências das realidades com que entra em contato, ela é desde que nasce um ser ativo desse processo” (p.45). Assim, ainda que vistas como inocentes e alheias ao que lhes cerca, as crianças estão, à sua maneira, cientes das situações trazidas por adultos, tais como professores, que mostram suas escolhas vindas a partir de conotações raciais (DIAS, 2013). Para Gomes (2002), é no ambiente escolar que aprendemos sobre valores, crenças, hábitos e preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade; este aprendizado, exposto pela autora, nos mostra equívocos derivados de uma educação isenta do debate racial.

A criança negra, independente de sua idade, é a que encontra-se em maior desvantagem, pois sofre situações desagradáveis por conta de suas características físicas (DIAS, 2013), isso mostra que mesmo ainda muito novas, as crianças estão sujeitas a sofrer situações derivadas do racismo, frisando a importância do debate racial em sala de aula, para que crianças negras estejam conscientes da violência dessas condutas, e as crianças brancas percebam que formas de ridicularização e distinção por raça é algo que deve ser banido de nosso cotidiano, dentro e fora da escola.

A escola produz e tenta silenciar situações limite, como por exemplo a que ocorreu na Escola Estadual de Pedras Grandes, no sul de Santa Catarina: uma aluna teve suas tranças cortadas por uma colega, alegando que a vítima “tem cabelo de negro e ruim”. A conduta da professora e da coordenação da escola foi completamente isenta, pedindo apenas para a vítima sentar e se acalmar. A mãe da criança que sofreu o ato de racismo fez um vídeo comentando o caso, e alegou que esse não foi o primeiro episódio em que a filha sofre com o racismo na escola, e agora, a jovem de 13 anos comparece as aulas apenas de forma remota (UOL UNIVERSA).

Situações como a citada exploram a necessidade de termos alunos, escola e famílias alinhadas perante o debate racial. A atitude violenta da aluna agressora e das pessoas que se ausentaram da defesa pela vítima, revela como o racismo ainda se mostra evidente. Para que o caso repercutisse, a família da vítima precisou fazer um vídeo se expondo em meios digitais, assim, percebemos também a ausência de referências positivas derivadas da cultura afro-brasileira e africana nessa escola, já que a atitude violenta contra a aluna, foi naturalizada.

Para além de evitar situações negativas, promover a educação para as relações étnico-raciais em sala de aula significa agregar outras formas de cultura para todos que participam da escola, saindo da lógica já empregada, e o que é predominante deriva da cultura eurocêntrica. O apagamento da cultura afro-brasileira e africana está muito atrelado ao processo de escravização, pois seguem prevalecendo os interesses econômicos e sociais da população branca, associada ao ideal europeu de poder e superioridade (DIAS, 2013).

“Afirmar a diversidade e reconhecimento da beleza de nossos cabelos crespos, de nossos corpos negros, apresentando outras crianças negras na

história, que apreciam e valorizam suas belezas, é uma postura importante para os alunos negros no espaço escolar da educação infantil, pois contribui para o processo de construção de identidade, reconhecimento, empoderamento e enfrentamento do racismo.” (Carmo, 2015, p.14712)

Como Carmo (2015) trata, trabalhar a representatividade é uma ferramenta para reafirmar a importância e beleza de corpos negros e indígenas, além de expressar a importância de suas culturas para a construção da nossa sociedade. É urgente revelar as formas de apagamento histórico que foram executadas ao longo dos anos, como por exemplo, a maneira de apresentar as crianças ao que chamávamos de descobrimento do Brasil, e que hoje sabemos que trata-se de um evento no qual trouxe um longo processo de escravização de povos africanos e indígenas, com consequências que se expressam até hoje, vista as situações desiguais nas quais vivem seus descendentes. Abordando mais sobre o exemplo aqui retratado, Gomes (2002) traz reflexões acerca da temática tratada no ambiente escolar:

Se o corpo fala a respeito do nosso estar no mundo, a relação histórica do escravo com o corpo expressa muito mais do que a ideia de submissão, insistentemente pregada pela sociedade da época e que ecoa até hoje em nossos ouvidos. Será que a escola tem dado uma outra leitura a essa relação? Ou as crianças negras e brancas, quando estudam a questão racial, ainda participam da representação do corpo negro apenas como um corpo açoitado e acorrentado? Será que hoje, em pleno terceiro milênio, os livros didáticos e as discussões sobre a história do negro no Brasil realizadas pela escola destacam que o corpo negro, desde a época da escravidão, sempre foi um corpo contestador? (GOMES, 2002, p.42)

Nós vivemos em uma realidade dialética, nossos corpos além de serem biológicos, também são simbólicos (GOMES, 2002), e a expressão dessa simbologia sempre de forma negativa acarreta em danos diretamente ligados aos corpos negros. No contexto aqui exemplificado, para além da violência sofrida pelos corpos negros, houve apagamentos das danças, dos cultos, dos penteados, das tranças, da capoeira, do uso de ervas medicinais (GOMES, 2002), heranças que carregamos até hoje, e por vezes desconhecidas e não tratadas em sala de aula, reforçando apenas histórias negativas e vinculadas a submissão e ao sofrimento.

2.2 DA ESTÉTICA AO ESTEREÓTIPO, COMO É A OFERTA DE BONECAS?

Quando falamos da oferta de referenciais para as crianças negras, através de produções culturais como livros e brinquedos, não se trata somente de estampar bonecas ou brinquedos com figuras africanas e afro-brasileiras. Se faz necessário perceber se cada característica retratada no objeto realmente condiz com a realidade da cultura, e se não está apenas caracterizando-se de forma estereotipada, ferindo traços ancestrais significativos.

Pesquisando através da história da cultura material da infância, encontramos algumas formas de representação que condizem com o que procuramos exemplificar: materiais que caracterizavam personagens negras de forma reducionista, utilizando marcas de personalidade retratadas com frequência, sem um real aprofundamento, e remetendo o personagem branco que está presente, tanto na história, quanto na brincadeira, como um agente salvador, uma personalidade de “sinhá”.

No livro *A Bonequinha Preta* (OLIVEIRA, 1939), conta-se a história de uma menina branca, muito quieta e obediente, que tem uma bonequinha preta à qual ela ama muito, porém, que não a obedece e só faz travessuras. Em uma dessas travessuras a Bonequinha Preta precisa ser salva, para isso, entra na história outro personagem branco, o verdureiro, que a resgata depois que um gato preto que passa pela rua a leva para sua casa. Acredito ser marcante que os dois personagens da história que fazem coisas socialmente erradas, como os que salvam a história, ou estão situados em posição de superioridade, com predicados como “muito obediente”, “amável” e “cuidadoso” são os personagens brancos.

Ao longo da história é possível perceber que os traços da bonequinha preta são muito diferentes dos da menina, suas características físicas são exageradas, não demonstra cuidado em ilustrá-la, e em alguns pontos da história, percebe-se a sua semelhança com o animal da história, o gato. Isto posto, também é possível questionar esse pertencimento tão demarcado a menina, dona da boneca. A Bonequinha Preta não aparenta ter suas vontades para além das da menina, e quando ela não está no ambiente, sua perspectiva de viver fica limitada a sentar e esperar que a menina retorne.



[Figura 2: livro A Bonequinha Preta, 1939]

Ler uma história como esta em sala de aula acarreta em sérias consequências no que diz respeito ao grupo de crianças e em como isso será interpretado. Embora o livro pertença a outro tempo histórico, narrativas que estereotipam negros e negras, os animalizam e inferiorizam, os objetificam, ainda se fazem presentes nas escolas hoje, apesar do grande e excelente repertório de livros com viés inclusivo a partir da valorização da negritude.

Retomando o que já trouxemos ao longo do trabalho, as crianças entendem as minúcias que o racismo apresenta (DIAS, 2013), no exemplo acima, ao contar a história da Bonequinha Preta para a turma, o que será reforçado para as crianças? Sua personalidade “travessa”, que precisa constantemente de uma orientação vinda de uma pessoa branca, tomando a branquitude como modelo positivo.

Os estereótipos característicos da nossa própria cultura são fios condutores para a propagação do preconceito. Podemos dizer que eles têm a função de simplificar problemas. Eles evitam a necessidade de se pensar sobre os efeitos das condições sociais, que contribuem para o desajustamento e exclusão de alguns. Os estereótipos impedem a reflexão sobre o mundo real. Seus conteúdos são mecanismos sociais que visam manter o status quo de um determinado segmento social. (Cavalleiro, 2018, p.28)

Outro exemplo histórico pesquisado foi localizado em um livro de artes manuais da década de 1960 que ensina como confeccionar a Boneca Surpresa, que é uma “boneca reversível” que apresenta duas faces - uma negra e uma branca. Segundo o livro “com um simples passe de mágica, a meiga Sinhazinha se transformará na prestimosa Babá.” (ABRIL CULTURAL, 1968, p.68). A legenda trazida para ilustrar a finalidade da boneca explicita de forma direta como acontece o racismo na representação das bonecas em sala de aula, em muitos momentos não há a oferta de bonecas negras, e quando acontece, existe esse estereótipo já marcado.

Entretanto, a boneca surpresa, boneca reversível ou “Topsy-Turvy Doll” carrega histórias interessantes, marcadas pela resistência, com sua origem ainda desconhecida, mas que vem levantando algumas hipóteses em pesquisadores, a boneca surpresa denota a presença de corpos negros junto dos brancos. Para alguns estudiosos, como Charles D. Martin, em seu livro *The White African American Body* (2002), a boneca exemplifica “a figura do negro branco”, ainda em seu livro, Martin discorre como a boneca mostra a mistura das relações, não só através da amamentação das amas de leite, mas também na socialização entre as crianças negras e brancas, que possivelmente brincavam juntas utilizando do brinquedo.

[Figura 3: livro *Mãos de Ouro*, 1968]



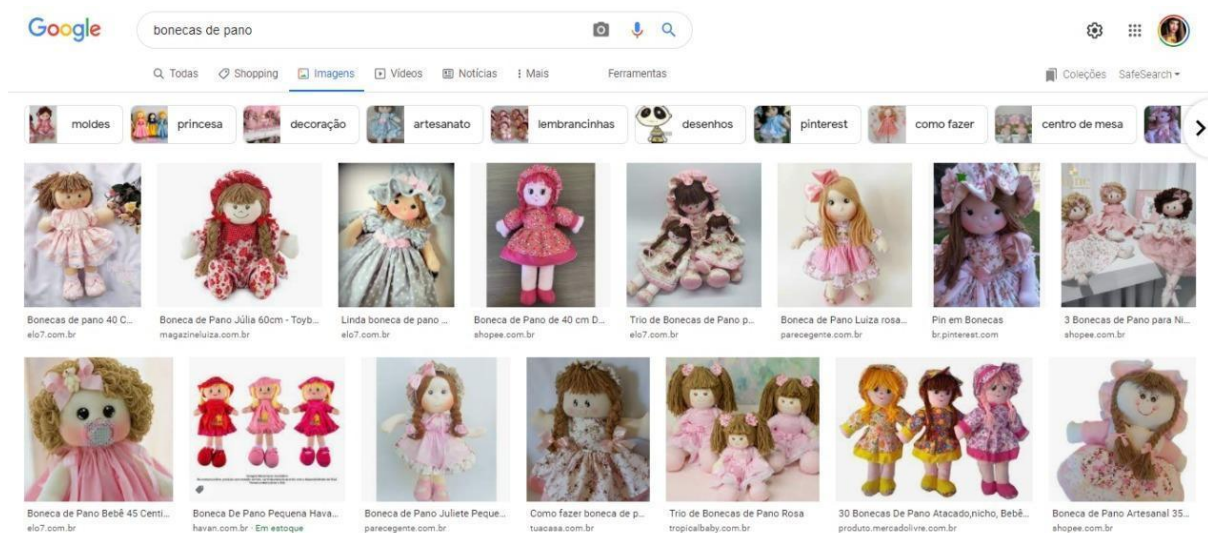
Sabemos da importância e do ofertar materiais e conteúdos que educação para as relações étnico-raciais em sala de aula, as bonecas. Porém, urge a

dever de visem a incluindo

necessidade de nos atentarmos a forma na qual essas bonecas se encontram, qual história que ela traz em seus traços e o cuidado que há com este objeto. Isso porque este cuidado e atenção com a sua apresentação para com os alunos, reverbera no cuidado com suas histórias e cultura. Este objeto pode representar a criança em sua brincadeira, materializar um momento de brincadeira, ou ser um objeto determinante para apresentar histórias ainda desconhecidas para a criança, e para isso, sua estética deve visar a representatividade e não ser uma fonte de racismo recreativo.

2.3 A BONECA COMO FONTE DE REPRESENTATIVIDADE

A boneca é o brinquedo que mais se assemelha a forma humana, e deste modo, para a criança, a brincadeira com ela irá reproduzir inúmeras vezes seu cotidiano, e dentro dele suas necessidades, questões, elaborações, tal como o que tem lhe atingido, seja de forma positiva, ou negativa. Rosa (2021) percebe que nesses espaços de interação há uma lacuna grande para as crianças negras, já que há momentos em que a oferta de bonecas se restringem às fisionomias brancas. Após uma pesquisa feita no Google em outubro de 2021, usando como palavra-chave “bonecas de pano”, percebemos que as bonecas de pano ainda estão longe de ser uma fonte de representatividade para as crianças negras, ainda que haja muitas iniciativas para a produção de bonecas negras, percebe-se que a oferta ainda muito limitada.



[Figura 4: foto de tela de pesquisa vinculada a “bonecas de pano” na barra de pesquisas do Google. Acesso em outubro de 2021]

Procuramos trazer essa imagem relacionada a pesquisa para ilustrar como se apresenta a primeira página numa busca *on-line*, ilustrando a problematização da ausência de oferta e representação de bonecas negras. Agora, questiono como isso se apresenta para crianças negras que frequentemente não se enxergam nas bonecas e brinquedos ofertados na escola e até fora dela. Como trabalhar a autoestima de uma pessoa, se esta não se vê representada de forma positiva e corriqueira em espaços nos quais ela faz parte e compõe diariamente?

Em uma experiência em sala de aula, Rosa (2021) conta que elaborou com sua turma de crianças do primeiro ano uma boneca em tamanho real, na qual, a boneca usaria roupas trazidas pelas crianças, sentaria em uma cadeira, assim como todos que estavam ali, participaria da rotina integral da turma, e dentre suas características físicas, ela seria negra. Essa boneca foi cuidada com muito carinho por todos e recebeu poderes especiais, ela era muito inteligente, muito rápida para fazer cálculos, além de ter cabelos lindos e trançados. Nas situações vivenciadas pela turma, a boneca negra teve sua representação de forma positiva, acolhida em diversos contextos ao longo das vivências, não limitada a somente uma data comemorativa, Rosa (2021) relata a adesão de crianças negras e brancas para aquela experiência tão rica.

Uma boneca negra ao ser introduzida numa brinquedoteca escolar ou em uma sala de aula deve ser primeiramente uma boneca livre de estereótipos (uma boneca mal cuidada, com traços caricaturais pode ser inclusive pior do que a ausência de boneca negras). Além disso, é favorável que a chegada dessa boneca seja feita de maneira alegre, cercada de cuidados e carinhos. A boneca deve ser valorizada, primeiramente, pelos adultos de referência para as crianças, que através de seu exemplo sinalizam que ali está algo precioso e belo.

No relato de experiência de Rosa (2021) percebemos esse cuidado. As crianças negras se enxergavam naquele brinquedo, mostravam para os colegas seus traços parecidos, e as crianças brancas desejavam ter aqueles poderes, admiravam aquele brinquedo e o achavam belo de forma integral. Essa experiência retrata com excelência a riqueza que é trazer aparatos culturais para a sala de aula, fica evidente a urgência de entender a realidade de cada criança ali presente, para

que eles possam ver sentido na prática pedagógica, e viver sua infância se percebendo como sujeito ativo dela. Como Dias (2013) defende, as crianças também há esse olhar crítico, para esses momentos tão significativos em sala. Assim, elas percebem que existe uma cultura sendo pautada, e um olhar de cuidado para cada membro da turma, e por consequência, esse cuidado e respeito seguirá se reproduzindo.

2.4 BONECAS DE NÓS, OBJETOS TRANSICIONAIS E AS ABAYOMIS

Quando passamos a pensar na boneca, nos vem à mente sua imagem estruturada como o corpo humano, com seus membros e rosto. Porém, para muitas culturas existem as bonecas de nós, estas que carregam como única forma rígida de seu corpo a cabeça, e assim, o restante se mostra sem uma forma definida, apenas remetendo a aparência humana. Scheven (2006), que estuda as bonecas de nós em uma perspectiva da antroposofia, traz uma definição pertinente sobre bonecas de nós, relacionando sua estrutura a do corpo de um bebê:

“O principal é que sua cabeça seja esférica e dura, e com isto revele sua característica básica. O corpo apenas sugere braços e pernas, mas eles não devem estar ausentes. Nessa idade os membros ainda não têm autodeterminação. Eles carregam ainda o corpo, não cuidam de seu destino nem vão ao encontro de relações humanas. Eles ainda não trabalham nem atuam no mundo. Ao recém nascido basta, perfeitamente, esta boneca de nós. Por outro lado, apesar da sua simplicidade, essa boneca deitada na caminha ao lado da criança serve como companheiro, como ‘tu’. A criança não está sozinha, mesmo quando a mãe não está no quarto.” (Scheven, 2006 p.28)

Sobre o que a autora aborda a respeito das crianças pequenas não serem sociais, temos discordância, pois entendemos que mesmo no ventre da mãe ou do pai (partindo do pressuposto que homens trans também engravidam), já somos seres políticos e ativos na sociedade. Uma criança negra, mesmo que ainda pequena, já sente as diferenças no trato em seu meio social, como por exemplo na escola, conforme é retratado na pesquisa de Cavalleiro (2018), ou ainda na obra de

Ribeiro (2019). No entanto, é bastante significativa a sua contribuição ao discutir a importância da boneca em diferentes etapas da infância.

Retomando a discussão sobre as bonecas de nós, podemos afirmar que elas podem ocupar o papel de “objeto transicional”.

O conceito de objeto transicional em Winnicott foi ganhando forma durante a Segunda Guerra e, nesse processo, foi fundamental a sua experiência de fornecer assistência a incontáveis crianças separadas de seus lares que passaram a manifestar– em uma verdadeira epidemia – sintomas antissociais. A primeira referência a objetos transicionais (sem, no entanto, utilizar ainda esse termo) se dá em um artigo a respeito dos efeitos psíquicos da guerra sobre as crianças provenientes de áreas bombardeadas. Winnicott observou que era comum essas crianças manterem consigo cartas, pacotes, brinquedos ou uma peça antiga de roupa: objetos em relação aos quais elas continuavam “tendo alguns sentimentos e isso se tornava, por conseguinte, tremendamente importante para elas” (1945/2005c, pp. 44-45). Muitas vezes, tais objetos eram o único ponto de ligação com suas famílias de origem. (Migliori; Chacon, 2018 p.90)

Em muitas fases da infância, a criança transfere a imagem da mãe, ou do adulto que esteja com ela, para esse objeto, tornando-se fundamental em momentos de tensões ou que demandam muito da sua mente e corpo, como no processo de separação. Sendo assim, além da boneca ser um objeto significativo como representação física da criança enquanto sujeito, ela também carrega o símbolo do acolhimento, especialmente a de pano, por ser quente, aconchegante, feita e moldada de braços abertos para um abraço acolhedor.

Pesquisando mais sobre a histórias das bonecas Abayomi, encontramos relatos que falam sobre sua produção a partir de retalhos de roupas de mulheres que vinham da África para o Brasil no período de escravidão⁴. Esta narrativa, largamente divulgada, as colocaria precisamente na categoria de objetos transicionais. Porém, ao pesquisar com mais afinco, há críticas significativas sobre essa história. O primeiro argumento crítico utilizado se refere a ausência de documentos históricos que comprovem tal evento. Outro fator importante, no período em que as pessoas eram tiradas de seus países da África e trazidas para o

4

<http://www.afreaka.com.br/notas/bonecas-abayomi-simbolo-de-resistencia-tradicao-e-poder-feminino/> (acesso em novembro de 2021).

Brasil a bordo dos tumbeiros, muitas famílias foram separadas de suas crianças, trazendo alguns dúvidas sobre a veracidade desta versão de origem das Abayomi.

Mais um elemento fundamental, é a crítica acerca do imaginário dominante, que persiste em colocar povos negros em situação de inferioridade, abordando histórias trágicas, mas com um fundo de “bom resultado” no final, no caso, a criação das bonecas. Encontramos na pesquisa fotográfica de Gomes; Bizarria; Collet e Sales (2017), informações que mostram a origem das bonecas Abayomi, criadas pelas mãos da artesã Lena Martins, que aponta a criação das bonecas Abayomi como reivindicação a partir da criação das bonecas sua identidade artística e cultural. Longe de ser uma história permeada de tragédia, a criação das bonecas Abayomi carrega o objetivo de que o resto pode se transformar não somente em lixo, mostrando o potencial que um pequeno pedaço de retalho pode ter.

A narrativa de sua criação remonta a um período marcado pela efervescência de movimentos sociais no país, nos anos 1980, momento de redemocratização, debates em torno de uma nova Constituição e dos cem anos da Abolição da escravidão, ambos culminando em 1988. No ano anterior, 1987, a Abayomi começa a tomar forma. Waldilena Serra Martins, mais conhecida como Lena Martins, integrava o Movimento de Mulheres Negras e trabalhava como coordenadora de animação cultural no Centro Integrado de Educação Pública — CIEP — Luís Carlos Prestes. A artesã desenvolveu a técnica da boneca negra de pano, sem costura ou cola, naquele mesmo ano. Os materiais utilizados eram retalhos, tidos como restos, descartes de fábricas e confecções. (Collet; Salles, 2017 p. 252)

Sendo assim, as bonecas Abayomi carregam sim uma história de resistência e significado, porém, longe do imaginário branco, o que paira a cultura africana e afro-brasileira culmina em tragédia. A resistência vem tanto em forma de crítica às produções massivas de bonecas e desperdício de materiais dentro da indústria, como também ao significado e cultura da artesã que elaborou a boneca, toda feita de retalho e nós. Lena Martins escolheu o nome da boneca Abayomi pelo significado “meu presente” em Yorubá, nome que também carrega sua filha, que já morava em seu ventre no período de surgimento das bonecas.

3. SOBRE AS BONEQUEIRAS SEM FRONTEIRAS

O projeto das Bonequeiras Sem Fronteiras, que a princípio, era intitulado como “Confecção de bonecas para as crianças de Pinheirinho”, surgiu no ano de 2012, tendo uma trajetória de 7 anos de trabalhos ininterruptos (o projeto está desativado desde 2018) . A iniciativa foi inspirada no projeto Dolly Donations, criado nos EUA em 2010 por uma designer de bonecas chamada Sarah, e que visava enviar bonecas para crianças que haviam ficado órfãs com o grande terremoto de 2010 no Haiti.

O grupo das Bonequeiras sem Fronteiras surge a partir do desejo de entregar bonecas e solidariedade à comunidade desabrigada no despejo que ocorreu na cidade de São José dos Campos, em São Paulo, conhecido como episódio de Pinheirinho. Andrea Cordeiro, criadora do grupo, apresentou em uma live para o Grupo de Pesquisa ErêYá⁵ (2020), que a princípio, eram seis integrantes, conhecidas apenas pela internet, que se mobilizaram com um objetivo em comum de fazer bonecas de pano. Após uma semana de trabalho e divulgação no facebook já haviam 60 artesãs presentes no grupo, em uma frequência de crescimento rápida, tanto quanto à produção, que em um mês de projeto, totalizou 460 bonecas.

O projeto independente, se fez contrário a qualquer tentativa de patrocínio ou autopromoção, e contava com a ajuda de voluntárias e voluntários do Brasil, e também pelo mundo, chegando num total de 500 pessoas mobilizadas com a contribuição de materiais e mão de obra. Essas pessoas, na grande maioria brasileiras, mas também da Austrália, Estados Unidos, Argentina, contribuíram com a produção de bonecas e bichinhos para pessoas, em especial as crianças, em situação de vulnerabilidade.

O porquê da mobilização pela doação de bonecas, e não itens de sobrevivência como comida, medicamentos, roupas e sapatos, vem pelo fato da crença nos poderes da boneca e do direito da criança de brincar e viver sua infância. Essa vivência plena faz parte da sua cura, ter seus direitos preservados, ainda que em situações delicadas, como as quais estão colocadas ao longo do que o projeto pôde acompanhar, mostra para a criança que ela é importante, que essa necessidade dela ainda está sendo observada e cuidada por pessoas que acreditam na sua importância. Aqui, retomo o argumento de Dias (2013), que aponta o olhar

5

https://www.youtube.com/watch?v=Xod5ZHmdxa4&t=1668s&ab_channel=Er%C3%AAY%C3%A1GrupoEstudosUFPR (Acesso em setembro de 2021)

crítico da criança perante a sua existência em sociedade, sobre a sua cultura, cor e classe. Em momentos como de despejo, onde tudo que as famílias possuem é jogado fora, é ateadado fogo, para além dos utensílios básicos para conseguir sobreviver, existem crianças que precisam dar continuidade a sua infância, as crianças precisam brincar.



[Figura 6: Desocupação de Pinheirinho. Fonte: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/01/grupo-libera-dutra-apos-ato-contra-despejo-em-sao-jos-e-dos-campos.html> Acesso em novembro 2021]

3.1 A VIVÊNCIA DAS BONEQUEIRAS SEM FRONTEIRAS NO CAMINHO DA REPRESENTATIVIDADE DA IDENTIDADE NEGRA

Comprometidas em entender as questões sociais que permeavam os espaços nos quais seriam entregues os presentes, no caso, as bonecas, as pessoas que compunham o projeto Bonequeiras Sem Fronteira procuravam estudar os ambientes que estariam antes mesmo da produção das bonecas começar acontecer, assim, seria levado em conta questões culturais, traços físicos das crianças e suas preferências. Percebe-se que mesmo antes da produção de bonecas dar-se início, muito do que já foi colocado neste trabalho mostra-se na prática, como a preservação da cultura local da criança, o cuidado em pensar no brinquedo no qual a represente sem ferir sua imagem e também colocar tal tarefa

não como caridade, mas sim uma forma de exercer o direito da criança de viver sua infância, por mais que seu contexto social ainda se mostre adverso.



[Figura 7: Capitão Manguê, boneco elaborado pela bonequeira Cynara Sell, pensado para crianças de uma comunidade de pescadores de caranguejo na localidade de Ilha de Deus, Recife. Fonte: Página do Facebook Bonequeiras Sem Fronteira, 2012]



[Figura 8: Boneca negra elaborada por bonequeira, com suas roupas bem elaboradas, aparência não estereotipada e com muitos detalhes. Fonte: Página do Facebook Bonequeiras Sem Fronteira, 2012]

Ao longo da produção, os materiais e forma de estruturar as bonecas são pensados de forma minuciosa para que não haja nenhum tipo de problema. Os tecidos são de alta qualidade, todas as pessoas que se colocam para a produção de bonecas recebem um manual (nos anexos) de como montar uma boneca segura, e como já foi pontuado, há um estudo prévio de como são as crianças ou idosos que que recebiam os presentes.

O trabalho mobiliza uma série de pessoas, desde a produção, até o processo de chegada no local de entrega, até a entrega em si. Um ponto que nos chama a atenção, é que a entrega não acontece de forma passiva para as crianças, uma vez que elas escolhem a boneca que a acompanhará. No caso, é dito para a criança abraçar a boneca, e se o abraço combinar, será da criança. Nota-se que mais uma vez a criança não é um ser a parte do processo, aqui ela é a protagonista.

Refletindo acerca do contexto no qual as crianças que recebem as bonecas do projeto se enquadram, atrelando a dados expostos ao longo desta pesquisa, sabemos que a maioria das crianças em situação de vulnerabilidade social são negras, e ações como esta, que reforça a potência cultural, aparência e reafirma que essas crianças devem viver suas infâncias, não se mostra como algo isolado, ou limitado apenas a uma ação. O cuidado com a criança de uma determinada comunidade é também o cuidado com todo aquele meio, sem atrelar a responsabilidade de futuro para estas crianças, como “salvadoras do planeta”, mas entendendo que elas são fruto do conjunto de relações daquele espaço, ou seja, a criança do próximo não é só a responsabilidade de uma família, ela é responsabilidade de toda sociedade que a cerca.

4. ANÁLISE DE ENTREVISTA

A entrevista foi realizada com seis participantes do projeto Bonequeiras Sem Fronteira, ela aconteceu com a mediação da professora Andréa Cordeiro para contato com as participantes. Combinamos um encontro síncrono pela plataforma Zoom no dia 21 de novembro de 2021, durante a entrevista, foi autorizado o uso de imagem e nome para a elaboração do trabalho. Entendendo que para além de me orientar, a professora Andréa Cordeiro também fundou o projeto, e a fim de não

interferir no processo de análise e entrevista, esta foi elaborada e realizada somente pela orientanda Eduarda Kulik.

Para o encontro, preparamos um roteiro prévio de perguntas e informações que seriam importantes de se considerar durante a análise, sendo elas: a) O que levou a sua participação no projeto Bonequeiras Sem Fronteiras? b) Dentro da sua percepção, o que levou a pensar na necessidade do projeto de investir em estudos que priorizasse a cultura e raça das crianças nas quais estavam recebendo as bonecas? c) Houve diferença nas entregas e intervenções após essa reflexão e prática? d) Quais momentos mais significativos expressaram a importância de priorizar a origem étnico-racial da criança? e) Como você acredita que essas ações possam impactar na vida das crianças que receberam essas bonecas, pensadas e feitas à mão especialmente para elas? f) Você acredita que essas ações cumpriram seu papel? g) Na sua vida cotidiana, houve algum impacto? h) Caso se sinta à vontade, pode dividir conosco alguma (s) história (s) especial e que expresse a importância desse processo de pesquisa dentro do projeto?

Para entender o perfil das entrevistadas foi elaborado um formulário com perguntas que englobam: a) nome completo; b) idade; c) profissão; d) raça/cor; e) quando entrou no projeto Bonequeiras Sem Fronteira; f) e-mail para receber o trabalho depois de pronto; e por fim, g) Sugestões ou recados que possam ter pensado após a entrevista. E os dados recolhidos a partir dele revelam que as entrevistadas correspondem a idade entre 41 a 63 anos. As profissões variam entre duas professoras, uma pedagoga, uma administradora, uma assessora de projetos e uma cuidadora de idosos.

Por mais que tenha sido elaborado um roteiro prévio de perguntas, o processo de entrevista se deu como uma roda de conversa, foi privilegiado algo mais natural. Sem precisar citar boa parte das questões, muitos elementos foram abordados de forma espontânea pelo grupo.

O processo de análise se deu da seguinte forma: após realizar a entrevista, já anotando pontos significativos ao longo das falas, realizei a transcrição integral da entrevista, momento no qual pude reparar nas falas com maior cuidado, grifando as que percebi elementos relacionados com a pesquisa. Após a transcrição, separei as falas já grifadas em blocos: 1) Por que as bonecas? 2) Processo de pesquisa; 3) Ações afirmativas para além do projeto; 4) Essa boneca não se parece comigo. Dentro de cada bloco pude dialogar com as falas recortadas da entrevista, que

elementos já trazidos ao longo do trabalho e considerações nas falas se complementam.

4.1 POR QUE BONECAS?

Enquanto estruturava o trabalho, ainda muito no início do processo, algumas pessoas me questionaram do porquê a pesquisa ser voltada para as bonecas. Uma ação social não precisa voltar o olhar para a sobrevivência das pessoas? Foram muitos meses refletindo acerca do assunto, e eu mesma me questionando enquanto pesquisadora, acredito que faz parte do processo manter críticas enquanto se constrói uma pesquisa. E ao longo do processo de reflexão e construção do trabalho, comecei a entender que defender a vivência da infância de uma criança em situação de vulnerabilidade social é uma forma de se preservar a qualidade de vida das pessoas.

Ciente de que existem muitas questões por trás dos ocorridos amparados pelo projeto, como a violência policial, ações truculentas do Estado que desumanizam grupos de pessoas, especialmente pessoas negras, e intervenções corrosivas derivadas do capitalismo, na qual a prioridade não é a preservação da vida, mas sim a exploração da classe trabalhadora. Entendendo que as crianças que vivem suas infâncias e carregam a oportunidade de escolher seus brinquedos, e se perceber neles, são em sua maioria brancas e pertencentes a uma classe social mais elevada. A partir disso, é nítido a necessidade de se enfatizar uma pesquisa que privilegie a vivência de um projeto no qual mobiliza pessoas de todo o país, e de outras partes do mundo, para a construção de bonecas especialmente estudadas para o contexto social no qual será entregue.

Segundo as participantes Bárbara e Maria Aparecida o questionamento sobre a relevância de um projeto focado em bonecas foi presente entre os seus no início do trabalho com o grupo:

"Há dez anos atrás eu falava que doava boneca e a pessoa falava assim "mas boneca? porque você não doa roupa, comida, água..." e eu falava assim "então, porque todo mundo doa isso. Porque criança precisa brincar, né? Porque criança precisa disso. Cada vez que eu chegava num lugar e via essas crianças sem infância, eles não tem infância, e ter uma boneca, ou um brinquedo, que foi feito

pra eles, que não é o resto do outro, que não é o brinquedo quebrado de doação. É um presente, as bonecas feitas pelas Bonequeiras Sem Fronteira são presentes, não são doação.” Bárbara

“As pessoas doam, lógico. Tem a questão do alimento, que é muito importante, é necessário, a roupa, o calçado. Mas o brinquedo, a criança precisa do brinquedo. E ela muitas vezes as pessoas acham que por ser pobre não precisa brincar, não precisa ter infância. [...] essa ideia de tar fazendo, e tar doando presentes, como a Babi falou, que eram presentes mesmo. Feitos com todo carinho, todo amor. Como a gente dá pra um filho, um afilhado, e dá pra uma criança que a gente nem conhece, mas sabe da necessidade. A gente sabe que ela precisa do brinquedo, do boneco de apego, né? E foi muito bacana participar. Pra mim foi muito rico.” Maria Aparecida:

Presente na concepção de que a infância se dá por meio da construção social, e que ainda há crianças que vivem experiências adversas em suas infâncias por conta da realidade, questionar o porquê da doação de bonecas leva ao questionamento do porquê essas crianças precisam viver sua infância, ainda que de forma muito fragmentada. Esse questionamento das pessoas sobre a validade do projeto se mostra profundamente elitista, visto que ele parte do pressuposto de que pessoas levadas a situação de vulnerabilidade social não podem ter os mesmos direitos das pertencentes à burguesia, e ainda, suas existências estão privadas ao processo de sobrevivência, assim como a limitar a projeção da imagem das crianças negras (e também dos adultos, pensando nas ofertas da mídia) à imagem branca.

Sobre a relação dos jovens e adultos em situação vulnerável e a ideia de perda da infância a bonequeira Vera Lúcia diz:

“E eram adultos, com 17, com 20 anos. Em liberdade condicional, jovem infrator. Assim, eles não tiveram a infância. [...] Então assim, eles não tiveram infância, eu sempre falei isso. Gente, essas crianças, essas senhoras que vocês recebem aqui, eles não são má pessoa, eles não tiveram infância, eles não tiveram carinho”. Vera Lúcia

No argumento da bonequeira percebemos a busca pelo contexto e pela empatia. Por vezes presenciamos argumentos que reafirmam o racismo e a desigualdade social, justificando como um fator isolado, na qual todas as questões dependem isoladamente da pessoa que sofre, e não do processo histórico que a levou até o presente momento. Não podemos julgar uma pessoa como boa ou ruim, entendendo que em muitas situações as escolhas são limitadas e as oportunidades

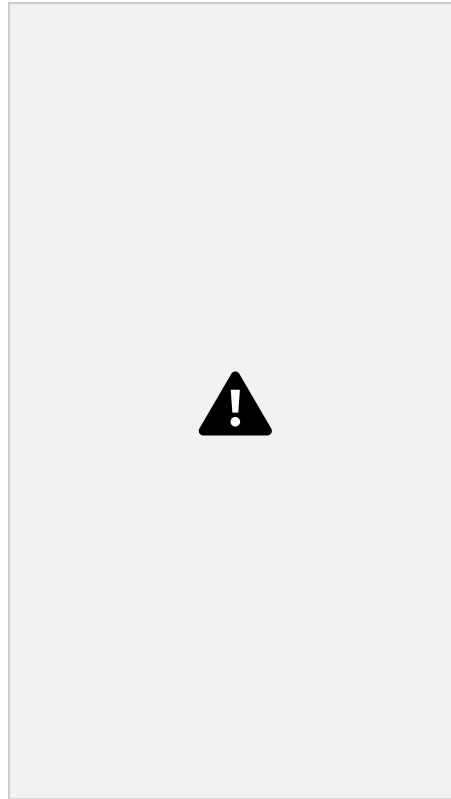
não são iguais para todos. Há indivíduos que sequer viveram suas infâncias, não tiveram um adulto de referência, momentos que se sentiram amados e importantes.

A ação das Bonequeiras Sem Fronteiras verbaliza a importância de crianças que sofreram algum tipo de violência, como o exemplo da primeira ação da desocupação do Pinheirinho, no trágico evento da despropriação de casas do Pinheirinho os cachorros das crianças foram mortos, seus brinquedos destruídos e suas casas desabadas. Não há como se sentir amado ou importante perante a sociedade diante de tal situação, não existe forma de se viver uma infância neste cenário.

4.2 O PROCESSO DE PESQUISA PARA ELABORAÇÃO DAS BONECAS

Percebo que o processo de pesquisa e cuidado com a realidade das crianças é um grande avanço, porém, em alguns momentos tive dificuldade de identificar como era estruturada essa pesquisa, ou se havia um entendimento comum no grupo do porque ela acontecia de fato. Ainda que haja este questionamento, o movimento de pesquisa e cuidado para não entregar bonecas longe da realidade das crianças se faz valeroso, dado que até o momento são poucos os ambientes que promovem esse tipo de reflexão.

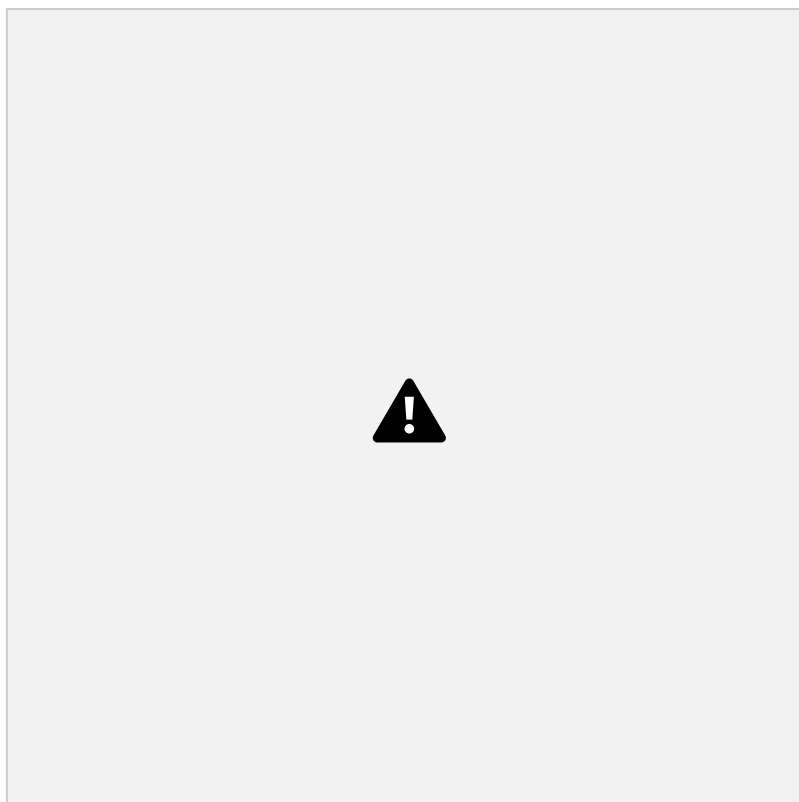
A gente foi fazer uma pesquisa de campo, que é uma coisa que a gente fez em quase todas as entregas, que é uma pesquisa do que tinha naquela região, quais eram os animais dali, o que eles gostavam.[...] E quando a gente levava (proprunha no grupo) uma entrega nova, elas já perguntavam assim "que tipo de boneca nós vamos fazer? que tipo de bichinho?", então era uma coisa do grupo, era uma coisa orgânica" Bárbara



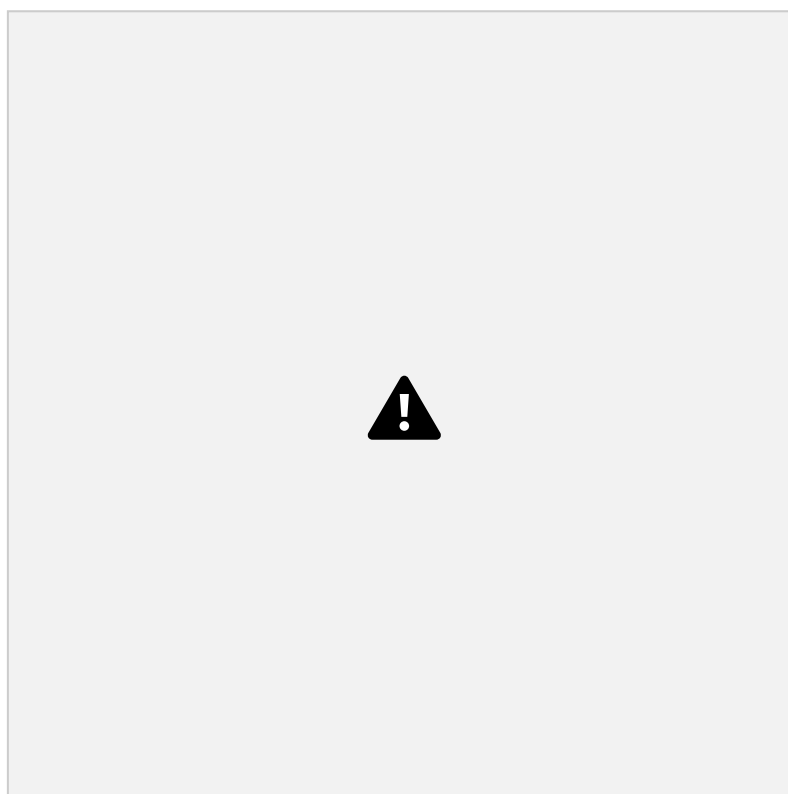
[Figura 9. Criança indígena da Aldeia Araça-I. 2015. Fonte: Página do Facebook Bonequeiras Sem Fronteira]

A pesquisa resultava, segundo os relatos e imagens, em possibilidades de a criança escolher as bonecas e encontrar alguma que lhe agradasse e muitas vezes essa escolha recaia em bonecas que eram semelhantes às crianças:

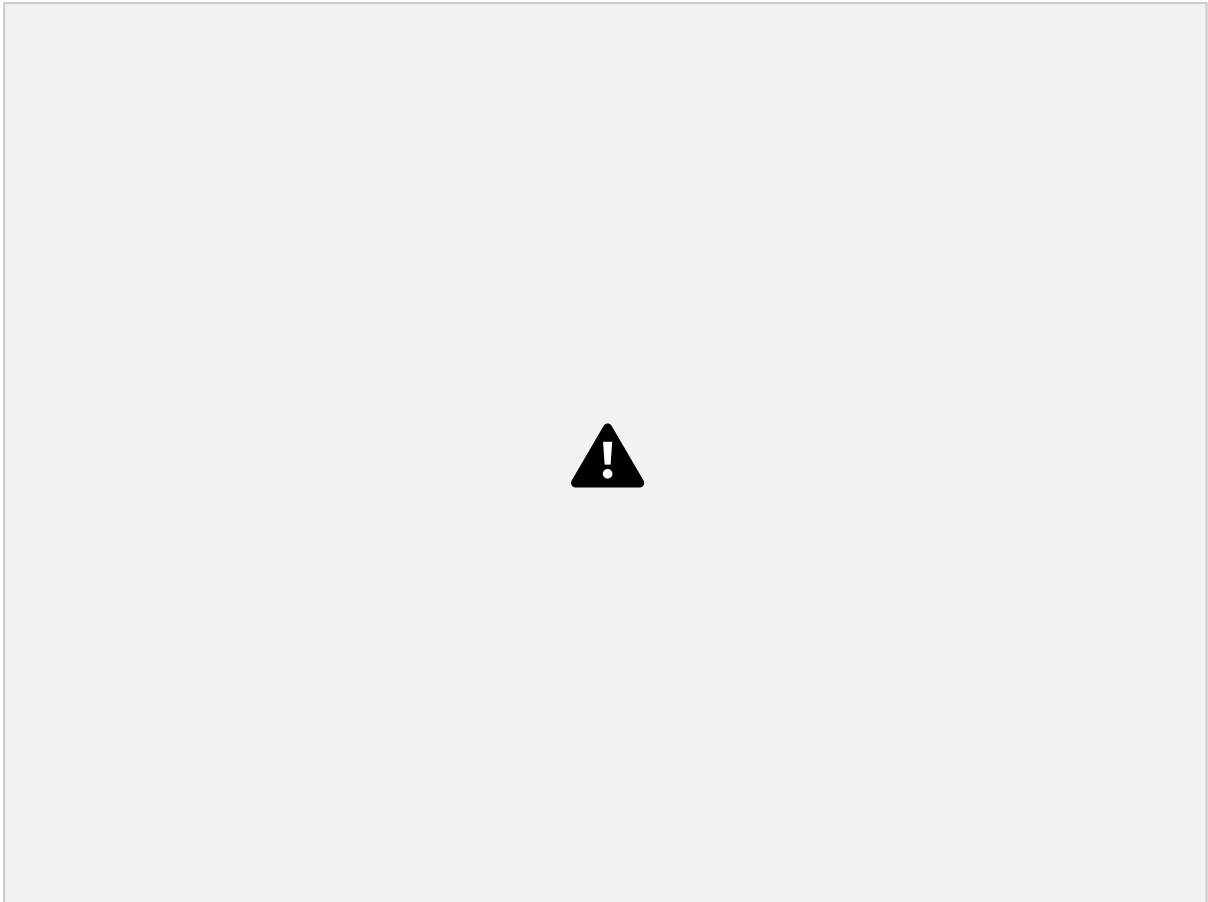
“ A gente pedia para as pessoas doarem uma boneca por semestre, duas por ano. Só que ninguém doava só duas. E mesmo a pessoa que doasse 10, 20 ou sei lá quantas, ela nunca fazia as bonecas iguais. Aconteceu mais de uma vez em entregas, da criança achar a boneca igualzinha à ela, até a cor da roupa, o cabelinho. Era uma coisa assim muito surpreendente, porque nas entregas as crianças tinham liberdade de escolher as bonecas. Então a gente fazia aquela pilha de bonecas e fala pra eles "escolha a que você quiser, abraça e vê se é gostoso. Se o abraço for gostoso você pode levar pra casa, se não for você pode escolher outra.", e sempre, todas as entregas que eu fiz, pelo menos uma ou duas crianças encontraram uma boneca igualzinha à ela da aparência. Márcia



[Figura 10, Crianças com bonecas parecidas consigo. Fonte: Página do Facebook Bonequeiras Sem Fronteira, 2014]



[Figura 11, Criança com boneca escolhida em uma entrega na Copa dos Refugiados, em São Paulo. Fonte: Página do Facebook Bonequeiras Sem Fronteira, 2014]



[Figura 12, Criança com boneca escolhida em uma entrega na Copa dos Refugiados, em São Paulo.
Fonte: Página do Facebook Bonequeiras Sem Fronteira, 2014]

4.2 AÇÕES AFIRMATIVAS PARA ALÉM DO PROJETO

É possível analisar o projeto em pequena escala, limitando o olhar apenas para as entregas. Enfatizar a satisfação em ver uma criança brincar com o objeto que foi produzido pelas próprias mãos das voluntárias, estas que destinaram muito tempo e dedicação para que aquele objeto chegasse até os braços dessa criança, com todo cuidado possível. Mas acho necessário ressaltar como ações localizadas podem reverberar em muitas outras, tornaram-se exemplo de ação conjunta para promover a educação para as relações étnico-raciais, seja em contexto da educação formal, quanto em ambientes familiares.

“Eu sou professora, sou professora de língua portuguesa, e eu levei a arte e o artesanato, o trabalho para a minha sala de aula. Inclusive, eu fiz um trabalho com eles, até essa semana o face me lembrou, que nessa época, nesse mês todo nós fazíamos este trabalho, e então, tem um livro, que eu não sei se você conhece, Eduarda, que é Bonecas Negras, Cadê? E baseado nesse livro, eu fiz todo um trabalho com eles. Então nós construímos bonecos negros, com as turmas, cada um construía seu boneco, sua boneca. Os meninos faziam também e eles escolhiam os tecidos, eu levava os tecidos africanos, ou não, eles escolhiam e eles escolhiam. Eles faziam os bonecos como eles queriam” Vera.

Adultos que não tiveram a vivência de infância, na qual foram privados de experiências que privilegiavam seus direitos, como o de brincar e ir para escola no tempo recomendado, participaram da produção de bonecas, foram convidados a estruturar o objeto da forma como lhe representa, e por fim, levá-lo para casa. Ações como a relatada por Vera em suas aulas indicam a percussão do projeto para além do momento de entrega de bonecas para as crianças e idosos. O movimento de “dar vida ao tecido” como é colocado ao longo da entrevista, envolve uma série de reflexões, escolhas e olhar para dentro.

O processo de refletir sobre si e seu papel no mundo diante de tudo que viveu, e foi privado de viver, acarreta em muita revolta, mas também é um processo rico que envolve autocompaixão. Entender a história, que em muitos momentos não é contada na escola por dar lugar aos conteúdos da classe dominante, é uma forma de elaborar o porquê das coisas não estarem boas. Leva ao questionamento do porquê só agora a oportunidade de se conhecer e conhecer seus próximos que vieram anteriormente. Perceber que esse apagamento pode ser dolorido, mas parte do processo de se reafirmar. Nos permitimos colocar um trecho mais longo do depoimento de uma bonequeira, negra, por ser muito elucidador destas relações:

E teve uma vez que meu menino tava na escola, o Loro, ele era pequenininho, ele tá com 11 anos e ele tava na creche. E a gente sempre deixou o cabelo dele grande, bem grande. E a professora da creche mandou cortar o cabelo. Várias vezes aconteciam coisas, e mandou cortar o cabelo, mandou cortar o cabelo, e teve uma vez que ela pegou um glitter colorido, que era tipo uma cola colorida, que era pra fazer alguma outra coisa, azul, e passou no cabelo dele porque tinha que prender o cabelo, porque ele não podia ficar com o cabelo daquele tamanho, porque atrapalhava as outras crianças. A visão das outras crianças, na creche? As crianças não ficam sentadas, enfileiradas. E aí ele chegou em casa, muito bravo, eu tava trabalhando, minha filha tava com ele, e ele falou "vou pegar meu potinho de guardar moedas, vou abrir e vou cortar meu cabelo.", e não tinha quem fizesse ela parar

ele pra ele não fazer isso. E ela falou que ia levar ele no cabeleireiro, não tinha mais jeito. E aí ela levou ele, e na hora que tava fazendo uma oficina sobre a Lei de Acesso à Informação e a gente tava fazendo uma enquete, com dados, e eu precisava estar inteira ali naquele momento. Não tinha como eu fazer qualquer outra intervenção. E aí eu falei pra deixar ele fazer, mas segura! Porque a gente não sabe o que vai ser. Nós nunca tínhamos cortado o cabelo dele, e a gente tinha toda uma questão de ação afirmativa do Lorenzo com o que passava pelo cabelo, né? A nossa afirmação era exatamente essa. De reconhecimento, de ancestralidade. E aí ele cortou o cabelo, e quando eu cheguei em casa ele me olhou e falou "mãe, não fala nada. Só me abraça.", e aí eu abracei ele, eu chorava daqui e ele chorava dali, e ele chorando, chorando, chorando. E aí eu falei: "Lo, mas ficou bom! E cabelo cresce!", mas ele falou assim "mãe, eu guardei o cabelo. Depois você cola?" e eu respondi que não havia como colar. E ele falou "então trança! Trança porque eu não tô me reconhecendo!", e eu falei "Lo, esse cabelo vai crescer! E você vai ficar forte com isso, não vai ser a primeira vez. A gente vai na escola, a gente vai falar com a escola. Mas não vai ser a primeira situação que você vai passar por isso.". E aí eu comentei com a Andrea, a Andrea fez um post, repartiu com as bonequeiras e tudo, e aí uma das bonequeiras fez um boneco, desse tamaninho assim, bem pequeno, que era idêntico ao Lorenzo. Idêntico! Eu não sei se ela tinha foto do Lorenzo, o cabelo, o jeito do cabelo dele era igual, igual! [...] Se tem ou não uma ligação forte de tudo isso, mas é certeza que fez a diferença naquela época esse boneco. Esse boneco foi uma ação afirmativa, sem sombra de dúvida. Essas fotos das bonequeiras, colocando todos os bonecos na escada, no sofá, você vê a representatividade. Você vê em número. Lindalva

Trouxemos a pesquisa de Cavalleiro (2018) para dialogar sobre o racismo que crianças negras vivem em sala de aula, em seu trabalho a autora aponta como as condutas das professoras reafirmam o racismo e ainda reforçam a reprodução por parte de outras crianças, como abordamos anteriormente. Quando Lindalva relata a violência sofrida por seu filho na escola, onde ele é culpabilizado pelos seus traços físicos, tachado por "atrapalhar" seus colegas por apenas ser ele, nesse momento a professora fala, sem verbalizar as exatas palavras, que ele é está errado, não está de acordo com a regra do grupo.

O ato de construir um pequeno boneco para que Lorenzo carregasse consigo até que sua identidade fosse se reestruturando após sofrer tamanha violência, diz à essa criança que o que foi feito contra ele é que está errado, que aquele boneco é ele, e ele é lindo, forte, e ele não sairá dele, por mais que muitos momentos pessoas tentem fazer com que sua identidade seja apagada de forma violenta.



[Figura 13, Lorenzo com o seu pequeno boneco. Fonte: Acervo Professora Andréa Cordeiro, 2016]

A gente sempre pensa "eu sou uma gota no oceano", não, eu penso o seguinte: eu sou um oceano dentro de uma gota. Se eu conseguir, se uma boneca dessa, que a gente entregou nesses 10 anos, mudar a cabeça de uma criança, ajudar uma criança a se entender, tudo valeu a pena. Eu penso assim, sabe? [...] [...] A Maeli falava, aprendi muito com ela, e ela falava que fazer boneca, costurar boneca era um ato de resistência. E eu ria com ela, porque eu achava que não era um ato de resistência, é vontade de costurar. E ela fala que não, fazer boneca, representar uma pessoa na sua boneca, no seu trabalho manual, é resistência. Eu aprendi isso com essa mulher. Parece que não, mas é uma coisa importantíssima. Não só pras crianças, mas pra nós. Porque a gente não aceita do jeito que as coisas estão. E um jeito de não aceitar e carinhosamente, é fazer a boneca. Quer coisa mais linda que isso, né?". Bárbara

A reafirmação de que as ações promovidas pelas Bonequeiras Sem Fronteiras atingem mais pessoas do que para além das que recebem as bonecas se faz concreta em muitas falas ao longo da entrevista, compreendendo que além de uma ação pontual, muitas pessoas envolvidas reverberam essas atitudes antirracista ao longo de suas vidas, atentam mais seus olhares às pautas raciais, educam filhos, familiares e crianças para o cuidado da garantia de direitos dos que estão a sua volta.

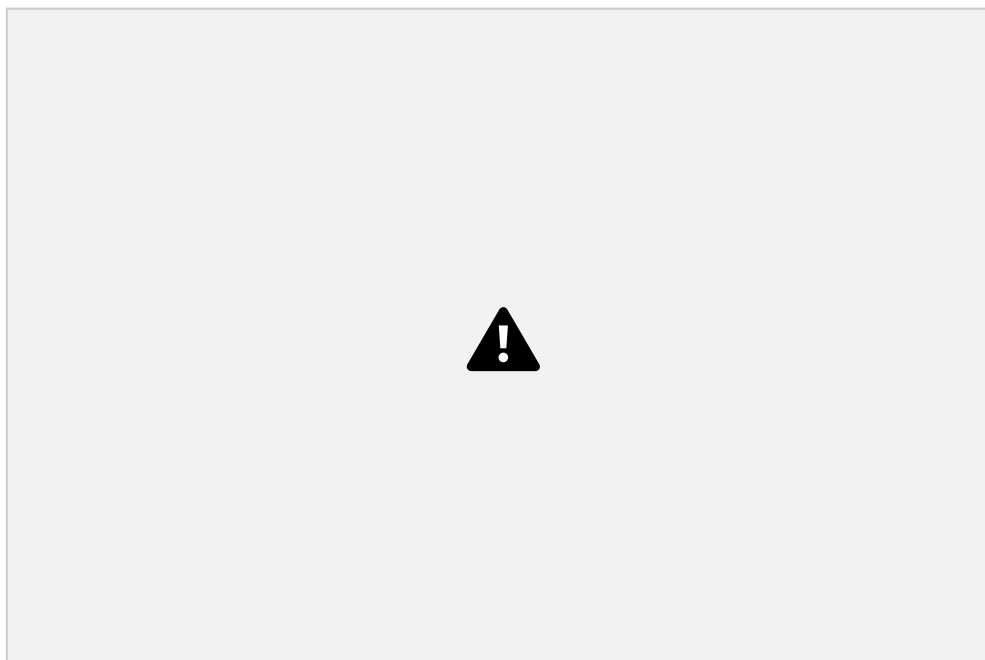
4.3 ESSA BONECA NÃO SE PARECE COMIGO

Desde o início do processo de entrevista, elementos como o apagamento da cultura e da aparência, seja das voluntárias do projeto, como também das crianças, foram trazidos à tona para ilustrar algumas histórias. Antes de perguntar sobre a necessidade de trabalhar com a questão étnico-racial ao longo da produção de bonecas, houve relatos sobre as experiências de cada voluntária, que por vezes se apresentavam frustrantes ao longo de suas infâncias. Essa experiência repetida por diversas faixas etárias aponta como o processo de representatividade de crianças negras é inexistente, por mais que atualmente haja mais ofertas de materiais, como bonecas e personagens, como é o cuidado com a produção brinquedo? Em qual momento eles são ofertados nas escolas? Quais são as bonecas em maior evidência? Qual o personagem principal e qual é o de apoio?

Eu tenho trauma com boneca, eu era muito pobre, e um belo dia alguém me deu uma boneca. Só que eu olhei para a boneca, e eu me revoltei com aquela boneca. Era uma boneca branca, loira, e eu olhei boneca, olhei pra mim, meti a tesoura no cabelo da boneca, cortei todo o cabelo dela, molhei a

boneca, a boneca chorava. Eu molhei a boneca, assim, eu [gestos de negação], eu queria uma boneca, mas achei aquela boneca muito diferente. Vera

Ao longo de outras falas de Vera, que é uma mulher negra, ela revela episódios de racismo que sofreu em sua infância, esse ato de revolta com a boneca branca me pareceu muito simbólico. Seu entorno a apontando como diferente dos padrões, dizendo que seu cabelo estava errado, que o “certo” era o que aquela boneca representava, cortar seus cabelos e mergulhá-la na água cria uma ação para aquela insatisfação de não se sentir representada naquele objeto e em muitos outros presentes em seu entorno. Hoje ela costura bonecas negras, e leva para crianças e idosos e idosas esse carinho e aceitação na forma de bonecas.



[Figura 14, Criança de comunidade quilombola do Vale do Ribeira com boneca escolhidas das Bonequeiras sem Fronteiras. Fonte: Página do Facebook Bonequeiras Sem Fronteira, 2012]

5. CONCLUSÕES

Ainda que existam respaldos legais para a promoção da educação para as relações étnico-raciais em sala de aula, fora do ambiente escolar famílias vivem reféns da violência e apagamento de suas culturas. O trabalho faz um breve recorte da vivência das crianças negras e como se dá sua construção enquanto sujeito ao longo dessa realidade. Apontando o longo caminho para que crianças e adultos

negros se sintam representados, trazemos um recorte sobre a vivência das Bonequeiras Sem Fronteiras e o caminho que percorreram para promover a representatividade das crianças que receberiam aquelas bonecas dentro desse objeto tão valioso para as brincadeiras.

Finalizamos a pesquisa cientes da potência das ações de movimentos sociais, são a partir dessas intervenções organizadas, ainda que inicialmente de forma mais espontânea, que problematizamos pontos enraizados em nosso cotidiano, procurando reverter elementos de desigualdade e promover lutas contra o racismo presente historicamente na construção do nosso país.

É preciso ressaltar que o processo não se finda durante as ações do projeto, e que mesmo existindo muitas atuações similares, a conduta antirracista não devem se limitar em momentos pontuais, ela deve ser uma prática constante em nosso dia-a-dia, visto que sua influência não limita-se a eventos específicos, muito do que consumimos e temos como preferência deriva do imaginário eurocêntrico. E essa referência estética e cultural torna-se violenta, percebendo que há pessoas sendo oprimidas, deixando de se sentir como uma influência positiva em espaços. As crianças negras fazem parte deste grupo, destacando aqui o ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

ACAYABA, C; MACHADO, L. **35 mil crianças e adolescentes foram assassinados em 5 anos no Brasil; número de mortos até 4 anos cresceu 27% em 2020, diz estudo.** G1. São Paulo, 22 out. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/10/22/35-mil-criancas-e-adolescentes-foram-assassinados-em-5-anos-no-brasil-no-de-mortos-ate-4-anos-cresceu-27percent-em-2020-diz-estudo.ghtml> Acesso: nov. 2021.

AZEVEDO, S; DIAS, L. R. **Os sentidos e o significado das bonecas negras e a docência na Educação Infantil.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NhEHLIU0XWU&t=3311s&ab_channel=Er%C3%AAY%C3%A1GrupodeEstudosUFPR Acesso em: ago. 2021.

BONEQUEIRAS SEM FRONTEIRA. **Sobre o grupo**. Não paginado. Disponível em: https://bonequeirasemfronteiras.blogspot.com/p/sobre-o-grupo_17.html Acesso em: set. 2021.

CARMO, I. Com quem eu me pareço? A construção da identidade étnico-racial na educação infantil. **EDUCERE Formação de professores, complexidade e trabalho docente**. p. 14703-14714. Disponível em: chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcglclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=https%3A%2F%2Feducere.bruc.com.br%2Farquivo%2Fpdf2015%2F20085_10096.pdf&clen=149466&chunk=true Acesso: abr. 2021.

CAVALLEIRO, E. S. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: editora Contexto. 2018.

CENTRO DE ESTUDOS DAS RELAÇÕES DE TRABALHO E DESIGUALDADE (CEERT); DIAS, L. R. **O racismo que vem do berço**. 21 jan. 2013 Não paginado. Disponível em: <https://ceert.org.br/noticias/educacao/3191/o-racismo-que-vem-do-berco> Acesso: Agosto 2021.

COSTA, P. M., As Bonequeiras sem Fronteiras - inaugurando o fazer manual como modo de resistência ou Sentir é mais que saber. Monografia de graduação (especialização em artes manuais para educação) Faculdabnkde de conchas. Conchas, SP, 2017.

DIAS, Lucimar Rosa. Mojú- Mo - **Análise Crítica de Narrativas e Atribuição de Sentidos: uma metodologia para análise de conteúdos em construção no grupo ErêYá**. Texto não publicado, Novembro de 2020.

EXPORVISÕES. **Artes-manuais: um ativismo com as mãos**. Não paginado. Disponível em: <https://exporvisoes.com/2021/06/04/artes-manuais-um-ativismo-com-as-maos/>. Acesso em: set. 2021.

FACULDADE DE MEDICINA UFMG. **Insegurança alimentar prejudica tratamentos e agrava saúde da população negra.** Disponível em: <https://www.medicina.ufmg.br/inseguranca-alimentar-prejudica-tratamentos-e-agrava-saude-de-populacao-negra/> Acesso: nov. 2021.

GUEDIN, G. **Menina tem tranças cortadas em escola, mãe denuncia racismo.** Universa UOL. Santa Catarina, 17 nov. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/11/17/mae-denuncia-racismo-contramenina-que-teve-trancas-cortadas-em-escola.htm?fbclid=IwAR3Zy0tjPweaLWMpvSZnLuOrl0NJhAfAnbJaKSZxs7Ib52U8Cyf0YrcnZ2c> Acesso: nov. 2021.

GOMES, N. L. **Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** São Paulo: Editora Vozes. 2017.

GOMES, N. L. **Trajetórias Escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?** v. 21 p. 40-50. Set/Out/Nov/Dez 2002 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/D7N3t6rSxDjmrxrHf5nTC7r/abstract/?lang=pt> Acesso: nov. 2021.

GOMES, N. L. Diversidade e currículo. **Indagações sobre currículo: diversidade e currículo.** p.17-47 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag4.pdf> Acesso: nov. 2021.

GOMES, E. C; BIZARRIA, J; COLLET, C; SALES, M. V. A Boneca Abayomi: entre retalhos, saberes e memórias. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 18, n. 44, p. 251-264, jan/jul, 2017.

JARBOE, J. **The racial symbolism of the Topsy-Turv Doll.** The Atlantic. Boston, 20 nov. 2015. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/technology/archive/2015/11/the-racial-symbolism-of-the-toppsy-turvy-doll/416985/> Acesso em: out. 2021.

MEIRELES, M. **Caso Miguel é citado como exemplo de racismo sistêmico na pandemia em relatório de grupo da ONU**. G1. Pernambuco, 30 set. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/09/30/caso-miguel-e-citado-como-exemplo-de-racismo-sistemico-na-pandemia-em-relatorio-de-grupo-da-onu.ghtml> Acesso: out. 2021.

MIGLIORINI, W. J. M.; FREITAS, L. M. C. Objetos transicionais e o desenvolvimento da capacidade de incomodar. **JORNAL de PSICANÁLISE** v. 51 p. 89-103. 2018

OLIVEIRA, A. L. **A Bonequinha Preta**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves. 1939.

OLIVEIRA, M. S; TEODORO, H. **Entenda o que é racismo estrutural**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lryL8ZAMq-E&t=327s&ab_channel=CanalPreto Acesso: out. 2021.

PINTO, M.; SARMENTO, J. S. **As crianças contextos e identidades**. Universidade do Minho, Centro de Estudos da Criança. 1997.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras. 2019.

ROSA, S. DIAS, L. R. **Confecção de bonecas negras e empoderamento de crianças**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vtVZ0AnVU3E> Acesso: abr. 2021.

TORRES, I. S. C., Entremeios e despedidas de uma pesquisa-ação: O uso da literatura infantil em práticas curriculares para uma educação das relações étnico-raciais em um Centro de Educação Infantil do município de Maceió. Tese (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Alagoas, Maceió, 2019. Disponível em:

<https://1library.org/document/ye8exd7y-entremeios-despedidas-literatura-curriculares-educacao-relacoes-educacao-municipio.html> Acesso: set. 2021.

SCHEVEN, K. E. **Minha Querida Boneca**. São Paulo: Federação das Escolas Waldorf no Brasil. 2006.

VIEIRA, K. **Boneca Abayomi: símbolo de resistência, poder e empoderamento feminino**. AFREAKA. Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/bonecas-abayomi-simbolo-de-resistencia-tradicao-e-poder-feminino/> acesso: nov. 2021.

ANEXOS

I REGRAS DE SEGURANÇA DAS BONEQUEIRAS SEM FRONTEIRAS

Bonequeiras sem Fronteiras - Regras de segurança. Tornando seu boneco super seguro

Ao elaborar um brinquedo artesanal para uma criança temos que ter em mente que nossa responsabilidade pela segurança e bem estar dela é grande. Estas regras podem nos orientar e devemos estar atentos a cada uma delas no momento de elaborar um brinquedo feito á mão:

- Sempre lave todos os tecidos e feltros que utilizar. Por questão de higiene, para não encolherem após o cliente lavar e para não mancharem soltando tinta. Uso sabão anti-alérgico que não deixa resíduos, cloro ou cheiro forte. Sabão para lingerie e sabão para roupas de bebê são uma ótima opção.
- Opte sempre que possível por tecidos 100% algodão.
- O enchimento deve ser de excelente qualidade e anti-alérgico, pois mesmo dentro da peça pode pinicar, causar alergia, ser reduto de ácaros, machucar e até arranhar a pele da criança se for misturado com fibras de plantas.
- Enchimentos com ervas (tipo lavanda, camomila, etc.) têm prazo de validade! Fechado dentro da peça, no escuro e em contato com a umidade e o calor da mão ele cria fungos após alguns dias! Não recheie nada com ervas pra crianças.
- Peças pequenas como botões, enfeites, miçangas, canutilhos, adornos pregados, nem pensar! Os olhos pintados (ou bordados) em tecido são uma boa opção.

- Para crianças com menos de 4/5 anos não pode ter nada que ela possa morder, arrancar, tentar puxar ou que possa se soltar, causando risco de vida.
- O enchimento tem que estar muito bem costurado, não pode sair de dentro da peça por nenhum buraco ou costura aberta. Ele pode causar sufocamento se inalado ou engolido.
- Bracinhos, perninhas, sapatos, roupinhas, babados, bolsinhas, laços, enfim, deixe sempre muito bem pregados.
- Não utilize cordões que a criança possa tirar ou puxar, enrolar no dedo, na mãozinha ou dar um nó, machucando a criança.
- Tenha cuidado com alfinetes, grampos ou agulhas, para não esquecer dentro das peças. É impressionante a quantidade de relatos que existem disso!"

Parece muita coisa não? Mas não fiquem ansiosas, pensem apenas, durante a confecção do boneco que queremos o melhor para estas crianças. Olhem estas dicas de vez em quando e mais cedo mais tarde fica automático e natural fazer brinquedos seguros. E mais uma dica: na dúvida a regra "Menos é mais" sempre ajuda!

II TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM BONEQUEIRAS SEM FRONTEIRA REALIZADA EM 20 DE NOVEMBRO DE 2021

Bárbara: Eu sou a Babi, Bárbara. Entrei no grupo em 2013. Estava na segunda ou terceira entrega. Eu entrei na entrega que a gente foi fazer para os índios aqui em São Paulo, de uma tribo Guarani, né Marcia?

Marcia: É, Guarani.

Bárbara: Eu e a Marcia começamos juntas nessa. E desde então, logo eu comecei a ajudar a Andreia na parte do conselho. Durante dois anos eu fui o que a gente chama de QG, eu recebia todas as bonecas aqui. E depois eu tive que deixar, mas tô no conselho desde então, participo muito e amo esse grupo. A minha profissão é bonequeira.

Vera: Pronto, agora tô aparecendo! Eu sou Vera Lúcia, moro no Rio de Janeiro. Eu nem sei como eu descobri as Bonequeiras. Teve um incêndio em São Paulo, numa

comunidade e eu vi ela pedindo voluntários para fazer as bonecas, essas coisas... e eu sempre fiz, né? Eu aprendi com a minha mãe, e na época eu acho que tava fazendo aqui um curso de bonecas, aí eu fui, me inscrevi. Tinha um formulariozinho, para a gente preencher, e desde aquela época. Aqui em casa nós fizemos mutirão, aqui no Rio tinha uma menina, que esqueci o nome, acho que é Fernanda Almeida, então ela que recebia as bonecas, a Fernanda, que hoje em dia trabalha só com bonecas. Mora em Niterói. Perto né? Então nós fizemos duas entregas aqui no Rio, fizemos mutirão aqui em casa, e fora isso, **eu sou professora, sou professora de língua portuguesa, e eu levei a arte e o artesanato, o trabalho para a minha sala de aula. Inclusive, eu fiz um trabalho com eles, até essa semana o face me lembrou, que nessa época, nesse mês todo nós fazíamos este trabalho, e então, tem um livro, que eu não sei se você conhece, Eduarda, que é Bonecas Negras, Cadê? E baseado nesse livro, eu fiz todo um trabalho com eles. Então nós construímos bonecos negros, com as turmas, cada um construía seu boneco, sua boneca. Os meninos faziam também e eles escolhiam os tecidos, eu levava os tecidos africanos, ou não, eles escolhiam e eles escolhiam. Eles faziam os bonecos como eles queriam.** O tipo de cabelo que eles achassem que era o deles, que representasse, a roupa. E era indistinto de nós chamarmos a nossa sala de leitura de nosso ateliê, então eu trabalho com EJA, que são alunos de 16 anos em diante. Eu falo que são os filhos que ninguém quer. São aqueles alunos que os professores põe lá no final da sala, e "somem com estas pestes da minha frente!", e são aqueles que eu gosto, né? Então vem galera! E eles amavam [o projeto de construção das bonecas], você via portadores de necessidades especiais, meninos, meninas, todo mundo sentado fazendo os seus bonecos. **Além de tudo isso, eu levei para a minha sala de aula, todo esse trabalho da arte, do boneco. Até hoje eles tem, tem uma aluna que trabalha aqui no supermercado e volte e meia ela me encontra e fala "professora, ainda tenho a minha bonequinha!", e eles gostam, né? É aquela coisa que é assim de você nunca ter encontrado uma boneca que representasse eles.** Porque assim, eu tenho trauma com boneca, eu era muito pobre, e um belo dia alguém me deu uma boneca. Só que eu olhei para a boneca, e eu me revoltei com aquela boneca. Era uma boneca branca, loira, e eu olhei boneca, olhei pra mim, meti a tesoura no cabelo da boneca, cortei todo o cabelo dela, molhei a boneca, a boneca chorava. Eu molhei a boneca, assim, eu [gestos de negação], eu queria uma

boneca, mas achei aquela boneca muito diferente. E hoje eu acho tão bonito, você vê a criança negra com uma boneca negra, quem quer outro, tem outro, tem boneco. Então assim, o mercado hoje tem diversos modelos, que tenta contemplar toda a nossa diversidade. Eu já fiz bonecos inclusivos também, porque com a máquina de bordar dá uma facilidade de você trabalhar, então alguém faz uma matriz pra você e você faz uma boneca com uma feição down, cadeirante. Então hoje eu também faço essas bonecas inclusivas, né. E a gente continua fazendo aqui pra doação, pro natal. Eu falo muito!

Maria Aparecida: Eu me atrapalhei um pouco para entrar, e eu não sabia se vocês estavam me vendo e ouvindo, fiquei meio acanhada na verdade.

Eduarda: Não, tá dando certo!

Maria Aparecida: Porque assim, a Andrea me chamou e eu fiquei muito contente, né? Por ela ter lembrado de mim, porque eu participei muito pouco do grupo, eu conheço a Marcia Cristina, que foi minha coordenadora pedagógica, na época que fui professora da rede municipal de São Paulo, e tô até vendo e muito feliz de vê-la, muita saudade! Eu participei muito pouco, na verdade, eu acredito que eu participei no último ano do grupo. Eu fiquei bem chateada de ter parado, e assim, tô na expectativa que ele retorne, porque eu acho que faz muito bem, não só para as crianças, para as crianças que recebem as bonecas, os brinquedos, mas pra gente, para as pessoas que participam, que fazem. Um grupo muito lindo, uma ideia maravilhosa, e eu fiquei encantada com o grupo, o trabalho. Na verdade não participei de nenhuma entrega, fiquei frustrada, queria participar, fazer entrega. Gosto muito de artesanato, gosto muito de fazer os bonecos de amigurume, de crochê. Mas também me atrevo um pouco na costura e queria muito aprender mais pra poder fazer. Em 2019 nasceu minha neta e eu fui morar no Rio de Janeiro, tô vendo que a Vera é do Rio, e quem sabe a gente tem uma parceria aí pra participar. Agora estou em Engaratá, no interior de São Paulo, e com a minha neta eu assim, tive mais vontade de fazer coisas, fazer bonecas. A primeira boneca que fiz pra ela foi uma boneca negra, e ela que tem uma pele clarinha gostou muito da boneca, brinca muito com ela! Aliás, ela gosta muito dos bichinhos e das bonecas.

Eu na minha infância tive dificuldade também com as bonecas, porque eu sou uma mestiça, sou de uma pele morena, e as bonecas todas loiras de olhos azuis e cabelos loirinhos e muito diferente da gente, e fiquei muito feliz de participar, se eu puder contribuir de alguma maneira. Parabéns pra você, Duda, você tem uma professora em tanto!

Marcia: Feliz em te ver, Cidinha! Pra começar a conversa, quanto tempo, né? Deixa eu me apresentar então, é, eu sou Marcia, e assim, filha de costureira, neta de crocheteira, e pedagoga, e sempre trabalhei em escola, então criança e artesanato é uma coisa que faz parte da minha vida desde sempre, e em 2011 eu comecei a escrever um blog sobre artesanato, que não tinha nada a ver com bonequeira, mais pra mostrar as coisas de crochê que eu sempre fazia, e o nome do blog era Desde o Tempo da Vovó por causa da minha avó que me ensinou a fazer crochê e de todas as artes, o crochê sempre foi o que fiz mais, e sempre fiz muita coisa de doação. Mas, não era brinquedo. Era basicamente roupinha de bebê. E como eu estava pretendendo a me aposentar, eu comecei a escrever o blog para ter o que fazer no pós aposentadoria, e foi aí que eu ouvi falar das bonequeiras pela primeira vez, em um outro blog, de uma bonequeira muito querida também, que as meninas vão lembrar, a Ju de Porto Alegre, e ela falava dessa primeira entrega, que na verdade foi em uma desocupação aqui no interior de São Paulo, que teve uma notícia um monte de repercussão, e foi violento, e as crianças perderam tudo, e a Andrea começou a arrecadar as bonecas e eu vi através do blog da Ju e falei "Nossa, que ideia interessante! Vou investigar isso melhor.", aí descobri que tinha um grupo no facebook, entrei no facebook, com um detalhe, eu nunca tinha feito uma boneca de tipo nenhum na minha vida. Nem de crochê, nem de costura. Eu nunca tive nem uma máquina de costura, apesar de ser filha de costureira, eu nunca costurei. Mas entrei no grupo do facebook. Era final de ano, isso foi em 2012, e tava acontecendo uma rifa para arrecadar fundos para as entregas, o grupo fazia uma rifa uma vez por ano. Falei "boneca eu não vou costurar, mas vamos comprar a rifa, é um jeito de colaborar com o grupo.", aí eu comprei, ganhei um dos presentes, e ninguém sabia quem eu era, foi muito engraçado, porque lá no grupo ficou todo mundo "quem é Marcia? quem é Marcia? Não conheço, quem é essa? De onde veio? De que planeta veio?", e aí começou a minha participação. No ano seguinte, como a Bárbara falou, foi a minha primeira entrega, e que foi na aldeia, que tem aqui em

São Paulo, no Pico [quico?] do Jaraguá, e pra essa entrega eu comecei a fazer os bichinhos de crochê. Naquela época só eu fazia crochê no grupo inteiro, ninguém mais fazia, não é como hoje que tem muita gente que faz amigurume, né? E desde essa época, eu tô aqui no grupo. Eu considero que o grupo não terminou, apesar de não estar trabalhando, e eu participei de várias entregas, em vários lugares. Com crianças, idosos, em comunidades, escolas, em uma porção de lugares, e eu também era responsável por escrever os posts, no blog, no facebook, nos instagram. Era eu que fazia os posts, pro pessoal dar uma olhada antes de publicar. E nesse caminho, eu aprendi a fazer amigurume, graças à Bárbara eu tenho uma máquina de costura, né Babi? E também arrisco algumas coisas nas costuras, e também como a Andrea falou, tô doidinha pra ter uma nova ação aí pra gente se dedicar. É isso.

Lindalva: Opa! Meu nome é Lindalva, eu sou pedagoga de formação, com especialização com educação e direitos humanos, dei aula no MOVA, Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos, mas há muito tempo, na gestão Luiza Erundina, e Paulo Freire como secretário. Então tem chão! E aí depois eu fui por outros caminhos, né? Trabalhando com ONG's e tudo, e fazia parte do Movimento de Moradia, eu moro num mutirão, e sempre na militância, e trabalhos e tudo. Amo crochê mas nunca tinha feito nada de artesanato, nem pra fora e nem pra venda. E aí um dia a Andrea, um colega, o Leandro, falou "vocês tem que conhecer!" A gente fazia parte de um fórum, Movimento Social de São Paulo, e ele falou "vocês tem que conhecer o Grupo Bonequeiras Sem Fronteira.", e aí ele falou da experiência de Pinheirinho, e aí aquilo me deixou bem tocada e a gente começou a procurar saber mais e como ajudar. Mas é isso, né. **O que eu sempre admirei demais o grupo das Bonequeiras Sem Fronteiras, é que o grupo te acolhe, com o conhecimento e com aquilo que você puder doar. Seja fazendo, construindo, seja ajudando com a rifa, o que você puder. Sua contribuição é bem válida.** Eu tentei algumas vezes participar dos mutirões que tiveram, aqui pra confecção de bonecas, e também a gente fez dois mutirões aqui onde eu moro, e aí a divulgação pessoal foi a primeira foi para algumas pessoas mesmo, então a gente pagou a passagem da Andrea, e pediu pra Andrea vir, com algumas outras bonequeiras de São Paulo, e aí era um grupo reduzidinho, depois a gente fez uma divulgação maior, e aí as bonequeiras trouxeram já os bonecos, meio costurados, pra que as mulheres

do mutirão fizessem a confecção mas também se sensibilizassem de tar participando, era mais a troca mesmo entre mulheres e homens, porque tinham homens também. E aí foi tão engraçado que as pessoas que eu fiz contato, elas não acreditaram que era verdade. E foram somente algumas mulheres, mas a grande maioria me procurou depois dizendo " eu não sabia que era verdade, como assim? eu vi as fotos, quero fazer. Chama o pessoal de novo!" e aí eu falei que não era bem assim, um grupo super reduzido, com uma demanda gigantesca, colocando muito dinheiro já do bolso, muito tempo dessas mulheres, tendo que resolver um milhão de questões. Então, acho que nos últimos tempos, foi algo muito puxado, exigiu muito do grupo. Eu tentei participar, mas é isso, ficando com a outra vida, com as questões políticas daqui, e aí não me dediquei tanto ao grupo, não me doei como eu gostaria de ter me doado. E a gente teve a perda de uma amiga do grupo que eu fiquei muito mal na época, e depois peguei uma super amizade com o filho dela, e a gente se fala quase todo dia, a gente se fala sempre. E aí com a questão específica das bonecas negras, a primeira vez que eu ouvi foi falando de Pinheirinho e a questão, a temática que puxava mesmo era a dos bichinhos de estimação, os cachorrinhos, essa coisa dos bichinhos que a polícia acabou tirando, as crianças acabaram perdendo e tudo. E depois que foi entrando essas outras temáticas, essas outras necessidades. E aí duas coisas me chamaram atenção: o cuidado que é não fazer uma boneca, uma boneca, uma negra, uma boneca com... era todo um cuidado com os detalhes, que foi falado, é nos botões, mas também o olhar, o tom, vários tons de pele, né. Nós somos diversos também, vários tipos de cabelo, toda essa especificidade, a questão também de chegar, na casa, muito próximo delas, então, é difícil até hoje, mesmo com tudo isso, o mutirão não chega correspondência, carteiro não chega, então, ter todo esse cuidado foi algo muito tocante, que fez sim a diferença pra muitas crianças, sem sombra de dúvida.

Eduarda: [Pedi para que falassem de forma livre, sem preocupação e perguntei sobre a entrada no projeto, o que motivou, quando foi e como foi o processo.]

Bárbara: Eu não havia comentado sobre isso. Eu entrei no grupo, também como a Vera e as outras meninas, através do facebook. Eu sempre costurei, eu sou formada em moda, só que eu não costurava roupas, eu comecei a fazer bonecas quando meu filho nasceu. Eu fui fazer o quarto dele, fui fazer umas coisas e eu me encantei

por umas bonecas e comecei a fazer. E as pessoas falavam pra eu vender, mas eu não consigo vender a boneca. Eu tenho um problema muito sério, porque me apego a elas, eu já tentei e não funciona assim, e aí num outro grupo, eu conheci uma bonequeira também que acho que a maioria aqui conhece, que é a Marta Jacinto, que é do interior, a Marta tava comigo nesse grupo, e eu falando de bonecas, ela falou "Babi, vou te levar pra um lugar que você vai ver que você vai arranjar o dono dessa boneca." e o dia que eu encontrei ali, eu mais ou menos que... eu me encontrei no mundo. Porque eu sou assim, amo fazer boneca, e agora vou fazer boneca pra doar. Porque eu ainda tenho um armário cheio de bonecas. Porque eu vou fazendo, eu quero fazer. E na época eu não tinha o que fazer com elas, e uma pergunta que acho que todas nós já ouvimos, quando a gente fala do grupo "eu doou bonecas", tem gente que pergunta, isso bem mais no começo, hoje dez anos, a gente tá bem conhecida, né, mas **há dez anos atrás eu falava que doava boneca e a pessoa falava assim "mas boneca? porque você não doa roupa, comida, água..." e eu falava assim "então, porque todo mundo doa isso. Porque criança precisa brincar, né? Porque criança precisa disso."** Com meu filho foi muito importante, agora ele tá com 17 anos, e quando era o QG, ele tinha 7 ou 8 anos, foi muito importante pra ele ver aquelas bonecas chegando, porque ele via que tinha boneco para os meninos também, e eu sempre fiz bonecos pra ele também. Tem um boneco que ele desenhou e eu fiz um boneco, ele tinha acho que uns 8 anos, ele desenhou um super herói, que ele queria, e eu fui lá e fiz. E ele falava assim "nossa, vocês pensam nos meninos!", aquilo me chocou tanto, porque a gente realmente pensa nos meninos, e desde então, o meu primeiro mutirão aqui em São Paulo foi para fazer bonecos meninos, e desde então eu sou uma das que mais defende em fazer boneco menino, porque **milhares de vezes que eu fui entregar boneca, e que eu procurava participar de todas as entregas que eu podia, os meninos eram os que mais me encantavam, porque eles são os mais deixados a margem. Eles não podem ter boneca, não podem ter bichinho... e eu deixava, a gente deixava eles ficarem à vontade,** e acho que é isso que me fez e que me faz gostar tanto de fazer boneca pra dar de presente, sabe? Porque do mesmo jeito que as meninas falaram "a gente quer fazer alguma coisa que represente a gente", e aqui, eu vejo a maioria de vocês são pedagogas, e eu não sou. Eu não tenho nada disso. Mas quando eu tive meu filho eu falava assim "eu não quero que ele tenha nenhuma preocupação quando fosse criança, que ele só

brincasse, porque ele só tem uma infância.", e foi assim que eu criei ele, então **cada vez que eu chegava num lugar e via essas crianças sem infância, eles não tem infância, e ter uma boneca, ou um brinquedo, que foi feito pra eles, que não é o resto do outro, que não é o brinquedo quebrado de doação. É um presente, as bonecas feitas pelas Bonequeiras Sem Fronteira são presentes, não são doação.** Isso é uma coisa que a gente sempre falou no grupo, a gente não faz doação, a gente dá presente. E quando a gente dá presente, você faz com amor, faz com carinho. A gente usa o melhor tecido, a melhor lã, o melhor, o melhor que eu posso colocar em alguma coisa é nessa boneca que eu coloco, que vai ser um presente pra uma criança, pra um idoso. É lindo, né meninas? Você ver uma criança abraçando a boneca que a você fez, é desesperador, dá vontade de chorar na hora, quantas vezes? Eu era a chorona do grupo, porque eu saía pro cantinho e ia chorar desesperadamente, porque não tem coisa mais bonita. Então é o que? Você faz boneca? É, boneca pra doar. É isso que me fez participar desse grupo, entendeu? Porque além de tudo isso que as meninas falaram desse acolhimento, dessa ajuda, é uma doação de coração. Não é você tirar o dinheiro da tua carteira. Não tô diminuindo as outras doações, não é isso, mas é uma coisa que você toca. A vida da criança. Que vai fazer parte, às vezes, da vida dela pra sempre.

Vera: Você falou a coisa dele não ter a infância, dele não viver a infância, e eu via muito isso, porque eu pegava esses alunos de 16 há, eu falava, enquanto eles conseguissem subir a ladeira, então eu tinha senhora de 70 anos, né? E eles faziam aquele boneco, com tanto carinho, tanto amor. E fazendo de chaveirinho, e penduravam na mochila. **E eram adultos, com 17, com 20 anos. Em liberdade condicional, jovem infrator. Assim, eles não tiveram a infância.** E as pessoas falavam assim "você acha que eles são todos seus filhos?" e eu falava "deus não me deu um, deus achou que eu não merecia ter um, deus me deu, não sei nem quantos por ano. um só pra você é pouco, você vai cuidar de uns dois mil por ano".

Bárbara: É isso, é isso!

Vera: **Então assim, eles não tiveram infância, eu sempre falei isso. Gente, essas crianças, essas senhoras que vocês recebem aqui, eles não são má pessoa, eles não tiveram infância, eles não tiveram carinho.** Então assim, você

via aqueles meninos sentados, rapazes, a gente tinha uns que ainda falavam assim "Pô, professora! A senhora não publique essas fotos aí que o pessoal não pode me ver costurando não.". E eles viam o carinho que a gente tinha em fazer aquilo, porque nós compramos um turbante que é antialérgico, a gente tem aquele cuidado com aquele tecido, que é um tecido macio, que não vai causar uma alergia.

Marcia: 100% algodão.

Vera: 100% algodão, e aí a Andrea sempre falava com a gente "nada de botão no olhinho, pode soltar.", assim, eles viam o carinho. Aqui no Rio eu participei de uma entrega que nós fizemos num asilo, as senhoras, aquela senhora assim, cada uma pegava a sua bonequinha que foi na hora do chá, ela pegava sua boneca e abraçava, ficava ali, sentadinha. E cada uma com a sua boneca. E já levavam pra botar na cama e colocavam ali, e ela dizia que era sua amiga, sua companheira, que ia representar um filho que a abandonou. Que deixou lá. Então é aquilo que você falou, "mas vocês vão doar boneca? Porque não um arroz, feijão, uma fralda?", e essas coisas as pessoas já dão, que é o essencial. Mas esquecem do emocional, do alimento que vai alimentar a alma, o emocional deles. Porque assim, o pessoal vai fazer uma doação e entrega 3 fraldas, creme... mas, aquela parte da emoção, do cuidado daquela coisa, isso nossas bonecas e bichinhos completavam essa parte.

Maria Aparecida: Vera, Babi, oi? Então, eu também me interessei e quis entrar no grupo, até foi por intermédio da Marcia, porque eu tenho também essa mesma ideia. Que a criança, e aí vamos pensar, criança quanto mais carente, quanto mais vivendo numa situação de... **As pessoas doam, lógico. Tem a questão do alimento, que é muito importante, é necessário, a roupa, o calçado. Mas o brinquedo, a criança precisa do brinquedo. E ela muitas vezes as pessoas acham que por ser pobre não precisa brincar, não precisa ter infância.** E a minha trajetória toda na rede pública, estadual e municipal da rede de São Paulo, foi trabalhando com crianças da periferia, da zona leste de São Paulo. E a gente via muito a falta de tudo, né? Mas, quando eu vi o grupo e **essa ideia de tar fazendo, e tar doando presentes, como a Babi falou, que eram presentes mesmo. Feitos com todo carinho, todo amor. Como a gente dá pra um filho, um afilhado, e dá**

pra uma criança que a gente nem conhece, mas sabe da necessidade. A gente sabe que ela precisa do brinquedo, do boneco de augeo, né? E foi muito bacana participar. Pra mim foi muito rico. E eu comecei a participar no final, como falei, e já na minha aposentadoria. Porque a gente precisa de tempo pra poder fazer, mas trabalhando o dia todo, fui professora, e depois coordenadora pedagógica, e são muitas horas. Então, é isso. Esse é o ponto chave dessa questão. O brinquedo, a boneca, é pra criança brincar. Para que ela tenha oportunidade de ter infância. E aí, como a Vera falou, a questão dos idosos também. Porque a criança permanece, a gente tem uma criança lá dentro. O idoso chega numa fase da vida que ele lembra da sua infância, e os brinquedos são muito bem-vindos. Isso é muito importante.

Marcia: O grupo só deu certo, com tudo isso que as meninas falaram, e eu concordo, porque tinha os princípios muito bem determinados. E isso não deixou o grupo se perder no caminho. Porque nós trabalhamos muitos anos, com muita gente. Porque o grupo, sei lá, 300, 400... gente do país todo. E pra que isso fosse do jeito que foi, o grupo sempre teve princípios muito claros e determinados. E a gente nunca saiu disso. Ao longo do tempo apareceu gente querendo doar mas tinha que colocar a marca, apareceu gente querendo comprar nossas bonecas, apareceu político, igreja, sei lá o que mais que queria que a gente fizesse as bonecas.

Bárbara: Apareceu gente usando nosso nome pra dar curso, lembra?

Marcia: Sim! Então, a gente nunca saiu do proposito inicial, que era dar as bonecas de presente. E com o tempo, a gente tinha o manual de segurança das bonecas, que eu ajudei a escrever, quando alguém do grupo fazia alguma coisa que não tava de acordo, a gente chamava e conversava. A gente não tinha briga. Depois das bonequeiras eu entrei em outros grupos, mas nenhum, nenhum, nenhum, funciona como funcionou as bonequeiras. E é tudo isso, a disciplina e os princípios muito bem determinados, e a gente segue aqui, e por isso que a gente conseguiu fazer tanta coisa, né? Isso é muito importante, juntar tanta gente diferente e fazer dar certo do jeito que foi.

Eduarda: O que levou vocês a pensar na cultura e raça das crianças que estariam recebendo as bonecas?

Bárbara: Desde o começo, desde a primeira entrega que participei, que foi com os índios, tinha acabado, quando a gente entrou, eles tinham acabado de fazer dos quilombolas, na região de Registro, e já havia, eu não sei te dizer assim, tudo ali no grupo não era uma única pessoa, era uma coisa decidida em grupo. A Andrea sempre colocava tudo, mesmo tendo conselho, a gente conversava tudo no conselho, e levava pro grupo mais ou menos conversava o que seria. Na época dos índios, a gente queria que eles tivessem brinquedos que lembrassem eles. Você imagina, ser negro, que é uma grande parte da nossa sociedade, não tem bonecas, você imagina índio, muito menos, né? Então assim, foi votado, que mesmo que eles tenham uma tribo dentro da cidade, que a gente preparasse, né? **A gente foi fazer uma pesquisa de campo, que é uma coisa que a gente fez em quase todas as entregas, que é uma pesquisa do que tinha naquela região, quais eram os animais dali, o que eles gostavam. Então, por exemplo, os índios daqui, tinha tartaruga, jabuti, tinha macaco. Então a gente participou fazendo esses bichinhos. Eu fiz várias tartarugas, eu lembro disso. E também os índios. Cobra... Tinha uma cobra feita de meia que era incrível, que as crianças adoraram aquilo. Só que foi uma coisa que chocou muito a gente, a Marcia lembra disso, os índios não queriam bonecos com cor de índio, nem com cabelo de índio. Eles preferiam os bonecos loiros, porque eles... voltou boneco, lembra Marcia? Voltou boneco pra caramba. Porque eles queriam bonecos diferentes deles, porque eles não se enxergavam, né? E isso era uma coisa que doía muito.** Cada entrega que a gente ia fazer. Ao mesmo tempo, em outras entregas que a gente foi fazer, os bonecos negros, as crianças brancas escolhiam os bonecos negros, as crianças negras queriam os bonecos negros, e eles acabavam. E depois assim, os meninos pegavam bonecas, as meninas pegavam bonecos, super heróis porque era uma coisa bem livre. Mas a gente procurava fazer coisa que remetesse à eles, para eles se sentirem representados de alguma forma. Tanto os bichinhos, quanto a roupa que eles usavam, a cor da pele. Tudo isso a gente tentava voltar o máximo possível de representatividade. Independente de ser negro, índio, branco... A gente teve boneco com down, teve gente que fez boneco com aqueles, como a gente chama aquilo, das Sírias, né? Os

jihad? Eu não me lembro o nome daquilo. Da palestina, com aqueles lenços todos, quando teve o pessoal que veio de refugiado. Então assim, era uma coisa que a gente tentava entender, pra que criança ia aquela boneca, porque como eu te falei, era um presente. A gente queria que eles se vissem naquele boneco, e isso foi uma coisa orgânica. Foi levando no grupo, a gente foi devagar, conversando. E o grupo inteiro entrava e decidia. **E quando a gente levava uma entrega nova, elas já perguntavam assim "que tipo de boneca nós vamos fazer? que tipo de bichinho?", então era uma coisa do grupo, era uma coisa orgânica.** Todo mundo já sabia, era muito louco isso, as pessoas já se entendiam, a gente já sabia o que uma e a outra pensava, isso fluía.

Maria Aparecida: O que senti também, com o pouco tempo que participei, era um grupo muito democrático. Que vinham os textos da Andrea, desse grupo, da comissão, mas assim, sempre respeitando muito as opiniões de todos, né? Tudo o que opinei tive resposta, eu senti que era um grupo muito aberto ao diálogo, muito democrático mesmo. Muito bom de trabalhar. Eu via a Andrea como uma liderança, ou a pessoa que encabeçou o grupo, talvez. Mas assim, todo mundo participando, dando opinião. Sempre vi isso muito claro no grupo, bem bacana do trabalho de vocês. Nosso, né? Que eu também participei.

Bárbara: Nosso!

Marcia: E tem mais uma coisa também, **a gente pedia para as pessoas doarem uma boneca por semestre, duas por ano. Só que ninguém doava só duas. E mesmo a pessoa que doasse 10, 20 ou sei lá quantas, ela nunca fazia as bonecas iguais. Aconteceu mais de uma vez em entregas, da criança achar a boneca igualzinha à ela, até a cor da roupa, o cabelinho. Era uma coisa assim muito surpreendente, porque nas entregas as crianças tinham liberdade de escolher as bonecas. Então a gente fazia aquela pilha de bonecas e fala pra eles "escolha a que você quiser, abraça e vê se é gostoso. Se o abraço for gostoso você pode levar pra casa, se não for você pode escolher outra.", e sempre, todas as entregas que eu fiz, pelo menos uma ou duas crianças encontraram uma boneca igualzinha à ela da aparência. Não só por ser negro, ou porque tem cabelo cumprido ou curto, era o autorretrato.**

Maria Aparecida: O que eu também lembrei agora, que você falou das entregas, e eu lembro das fotos que vocês faziam de todos os trabalhos, né? Todos os presentes que as bonequeiras faziam. E eu fiquei muito feliz quando vi as naninhas que eu fiz, que foi a primeira coisa que eu fiz. E aí eu vi e é um orgulho pra gente, um incentivo. Acho que esses cuidados que vocês tinham, de tar mostrando pra gente, que tava lá e ia ser entregue.

Marcia: As famosas fotos no sofá, e na casa da Andrea na escada.

Vera: Eu ia falar isso, a famosa foto na escada.

Marcia: E a gente ficava bem Onde esta o Wally? procurando as bonecas que a gente fez ali, era muito legal mesmo! Porque a gente não dava conta na entrega de tirar foto de todas as crianças com todas as bonecas, a gente tentava tirar o máximo possível, mas a pessoa sabia que a boneca dela tinha ido naquela entrega e alguma criança tinha escolhido. Então, a gente tinha essa preocupação.

Vera: Sobre a questão de alguém achar uma boneca parecida com ela, né? Eu lembro que quando nós fizemos a entrega aqui no asilo, tinha uma senhora, ela devia ter uns 70 anos. Ela tinha sido diretora dali, de um lado até que próximo. Eu moro no Meyer, e é no Engenho Novo. Acho que ela é lá de Santa Terezinha. E ela tinha sido diretora, e aí o filho, com aquela coisa mamãe vai ficar aqui só o final de semana, mamãe vai ficar aqui sábado, domingo e segunda, sábado, domingo, segunda e terça, e mamãe ficou lá. Deixou mamãe lá. E engraçado que alguém mandou uma boneca, era uma boneca bem grande assim, era uma senhorinha. A boneca era uma senhorinha. E ela arrumadinha, parecia a diretora ainda do lar. **Ela olhou a boneca, e falou "essa sou eu!", pegou a boneca. E assim, era como se quem fez a boneca, tivesse visto, à visto antes. E fez a boneca. Era uma boneca cumprida, magrinha, e ela toda séria, sentada para o chá da tarde, sentou ali pegou sua boneca e ela se sentiu reconhecida. Então assim, alguém sempre conseguia achar uma boneca que lhe achasse, como no meu caso, eu piquei a boneca toda porque não me reconheci na boneca, ela reconheceu-se na boneca.** Eu tenho um bonequinho que eu não sei por onde ele tá, que ele ficava

lá na escola, e quando eu precisava fazer alguma coisa, eu pegava o boneco, e ele é negro, né? E eu ficava "devolva meu boneco!", eles podiam usar, contar história, mas devolva meu boneco! E aquele boneco quer dizer, é um boneco, né? Mas assim, eu adoro aquele meu boneco, reconheço o cabelinho. Essa questão do reconhecer.

Bárbara: Eu lembro dessa boneca, fui eu que te mandei ela. Eu não lembro quem foi a bonequeira fez, foi a única vez que a gente recebeu uma boneca desse tipo. Ela tinha quase 60cm, e ela tinha até colar de pérolas, acho que tenho foto dessa boneca. Era uma senhorinha, uma coisa linda essa boneca. E por ela ter colarzinho, eu mandei pra você, porque era pra idoso, né? A gente não podia mandar aquela boneca pra criança. Eu me lembro muito dela!

Vera: A boneca era idêntica à senhora diretora que o filho havia deixado ela lá.

Marcia: E isso aconteceu muitas vezes!

Bárbara: Muitas vezes! Eu não sei se você vai precisar de foto, mas a gente tem algumas fotos desse encontro da criança e da boneca igual. A gente tem várias fotos. Lembra Marcia? O menino está com a roupa da mesma cor que o boneco tá, e o cabelo igualzinho. E a blusa do boneco era uma camiseta vermelha e o menino estava de camiseta vermelha. A gente sempre falava, era um encontro de almas. Dá até arrepio de lembrar, era muito lindo!

Lindalva: Eu posso trazer um outro, pra mim, teve vários momentos, né? Que as bonequeiras chegaram na minha vida com um carinho e com cuidado muito forte, muito forte. **E teve uma vez que meu menino tava na escola, o Loro, ele era pequenininho, ele tá com 11 anos e ele tava na creche. E a gente sempre deixou o cabelo dele grande, bem grande. E a professora da creche mandou cortar o cabelo. Várias vezes aconteciam coisas, e mandou cortar o cabelo, mandou cortar o cabelo, e teve uma vez que ela pegou um glitter colorido, que era tipo uma cola colorida, que era pra fazer alguma outra coisa, azul, e passou no cabelo dele porque tinha que prender o cabelo, porque ele não podia ficar com o cabelo daquele tamanho, porque atrapalhava as outras**

crianças. A visão das outras crianças, na creche? As crianças não ficam sentadas, enfileiradas. E aí ele chegou em casa, muito bravo, eu tava trabalhando, minha filha tava com ele, e ele falou "vou pegar meu potinho de guardar moedas, vou abrir e vou cortar meu cabelo.", e não tinha quem fizesse ela parar ele pra ele não fazer isso. E ela falou que ia levar ele no cabeleireiro, não tinha mais jeito. E aí ela levou ele, e na hora que tava fazendo uma oficina sobre a Lei de Acesso à Informação e a gente tava fazendo uma enquete, com dados, e eu precisava estar inteira ali naquele momento. Não tinha como eu fazer qualquer outra intervenção. E aí eu falei pra deixar ele fazer, mas segura! Porque a gente não sabe o que vai ser. Nós nunca tínhamos cortado o cabelo dele, e a gente tinha toda uma questão de ação afirmativa do Lorenzo com o que passava pelo cabelo, né? A nossa afirmação era exatamente essa. De reconhecimento, de ancestralidade. E aí ele cortou o cabelo, e quando eu cheguei em casa ele me olhou e falou "mãe, não fala nada. Só me abraça.", e aí eu abracei ele, eu chorava daqui e ele chorava dali, e ele chorando, chorando, chorando. E aí eu falei: "Lo, mas ficou bom! E cabelo cresce!", mas ele falou assim "mãe, eu guardei o cabelo. Depois você cola?" e eu respondi que não havia como colar. E ele falou "então trança! Trança porque eu não tô me reconhecendo!", e eu falei "Lo, esse cabelo vai crescer! E você vai ficar forte com isso, não vai ser a primeira vez. A gente vai na escola, a gente vai falar com a escola. Mas não vai ser a primeira situação que você vai passar por isso.". E aí eu comentei com a Andrea, a Andrea fez um post, repartiu com as bonequeiras e tudo, e aí uma das bonequeiras fez um boneco, desse tamaninho assim, bem pequeno, que era idêntico ao Lorenzo. Idêntico! Eu não sei se ela tinha foto do Lorenzo, o cabelo, o jeito do cabelo dele era igual, igual! E ela explicou pra ele, que era pra ele andar com aquele boneco, e o Lo até pouco tempo tinha esse boneco. Isso ele tinha 3 pra 4 anos, e já pra cá, ele tem muitos bonecos. Ele ama lego, tem tdah, tem dislexia, e a gente tá investigando melhor, mais de um distúrbio. É um processo que demora, não é simples. Mas, ele faz vídeo com stop motion, vive com bonecos, faz bonecos de tudo que é tipo. Se tem ou não uma ligação forte de tudo isso, mas é certeza que fez a diferença naquela época esse boneco. Esse boneco foi uma ação afirmativa, sem sombra de dúvida. Essas fotos das bonequeiras, colocando todos os bonecos na escada, no sofá, você vê a representatividade. Você vê

em número. E a evolução das fotos, porque é isso, essa não era uma questão. A questão era sanar essa necessidade que não tinha. **Agora, esse tempo todo a gente passou, vem passando por um período muito difícil, de escassez, de falta de amor pelo próximo, e aqui nas favelas, no entorno todo, a gente chegou a ver uma solidariedade muito grande com doação de alimentos, de necessidades básicas, mas nenhum momento chegou brinquedo. Nenhum momento. Nenhum momento chegou a boneca, que você fica esse tempo todo da pandemia dentro de casa, e você ter ali um brinquedo. Mais do que um brinquedo, né? Porque muitas vezes é isso, a boneca chegou sendo como a alma gêmea. Então, pra dizer que as bonequeiras são extremamente necessárias. Não tenho dúvida da dificuldade, eu sei, eu vi. **Eu vi, eu vi como foi. Vocês são muito importantes sim! E acho muito bom fazer esse registro, esse trabalho mesmo, porque a nossa fala é... A Bárbara fala que ela não é pedagoga, mas olha a potência dessas falas, entendeu? Olha a potência da fala da Marcia em sistematizar isso e trazer pro campo teórico.****

Vera: **Você falou da questão do ser um menino com a professora e o cabelo. Eu fiz 63 anos semana passada, e pra você ver como se a gente eu tivesse vendo a mesma história. Isso aconteceu comigo. Eu cheguei em casa e eu peguei tesoura e piquei todo meu cabelo por dentro. Cortei todos os cantos. E meu pai, eu tinha que ficar com aquele cabelo comprido, e chegava na escola, a pessoa ficava "seu cabelo tá na minha frente! Ele tá me atrapalhando!" e quando minha mãe chegou em casa e viu com aquele caminho de rato, não teve jeito, tiveram que cortar meu cabelo. Pra você ver assim, essas ações continuam sendo necessárias. Há 55 anos atrás, porque eu deveria tar com 7 anos, então assim, há 55 anos atrás eu passei pela mesma situação que o seu filho passou há no máximo dez anos atrás. Essa questão que foi que você falou, no início, as bonecas foram pra suprir aquela necessidade, daquela comunidade, que ficou sem seus bichinhos, sem nada. E depois nós fomos abrindo o leque, vamos tentar contemplar outras demandas. E aí nós começamos a pensar em outras demandas. Então, é para uma comunidade indígena? O que a gente pode fazer que abrace eles? Embora eles não tenham se reconhecido, né? E isso, essa questão de cabelo, de não se reconhecer, é uma coisa muito forte. Eu tive uma turma, há 3 anos atrás, de sexto ano, e tinha**

uma menina, com um cabelo lindo, maravilhoso, cabelo dela. E ela sentava na frente, e o pessoal começou a perturbar o juízo dela, e começaram "ela tem cabelo ruim!" e eu questionei "ela tem cabelo o quê?", "ela tem cabelo ruim! Só a fulana aqui que tem cabelo bom!", que era uma menina de cabelo liso, e eu falei assim "nós vamos conversar isso aqui de um outro jeito!" e chamei o professor de história, a professora da sala de leitura e fizemos todo um trabalho, pedi para umas amigas que fizessem um turbante, que trabalhava essa questão da afirmação. O outro professor fez bonecos com eles, aqueles de animação. Então nós fizemos todo um trabalho dessa questão do cabelo bom, ou, não se reconhecer. Porque era uma turma inteira de negros e com suas variantes, um mais claro, ou menos e a turma inteira gritando "tem cabelo ruim sim!", e aí falei que nesse momento não havia como trabalhar isso, mas aí organizamos tudo pra poder, porque assim, povos indígenas não se reconheciam, muitos de nós também não se reconhecem. Então, hoje eu fiquei assim, maravilhada, quando vejo, às vezes eu fico assim babando. E aí eu falo pra eles, "vocês estão de parabéns! Hoje nós podemos usar como nós quisermos, na minha época eu era obrigada a passar ferro quente." Esse ferro era miserento, queimava minha orelha, e aí eu sofria dois bullying, se eu fosse pra escola com o cabelo [solto] eu sofria bullying, e aí eu ia com a testa queimada, orelha queimada, pescoço queimado, e sofria bullying também. Hoje com todas as nossas, pequenas, porque somos um grãozinho nesse mundo todo, nesse país todo, mas cada ação, cada coisa que fazemos, nós ajudamos alguém, plantamos uma sementinha. Demos a nossa contribuição.

Bárbara: O que eu sempre falo, Vera. E a Andrea também sempre fala. **A gente sempre pensa "eu sou uma gota no oceano", não, eu penso o seguinte: eu sou um oceano dentro de uma gota. Se eu conseguir, se uma boneca dessa, que a gente entregou nesses 10 anos, mudar a cabeça de uma criança, ajudar uma criança a se entender, tudo valeu a pena. Eu penso assim, sabe?** Eu acho que com esses últimos 10 anos, vejo pelo meu filho, que tá aqui e que cresceu com isso. Meu filho faz voluntariado na escola, ele cresceu vendo a mãe trabalhar com voluntariado, e isso é uma coisa que eu amo. Que é meu, se eu posso fazer eu faço. Não só com as bonequeiras, mas com outras coisas também, trazer essa conversa pra dentro da nossa casa, com os nossos filhos, nossos. Com os próximos, você tá colocando isso pra ficar maior. **Se hoje uma criança consegue**

sair na rua e estar bem com seu cabelo, ele se coloca, isso é um exemplo pra mais um monte de gente. A gente não pode pensar nunca que o que se faz é pouco. O que a gente faz é muito. Porque se a gente deixar de fazer vai faltar. Então, a questão das bonequeiras, eu penso assim, se uma dessas crianças chegou em casa... A gente tinha criança que não queria pegar boneca, meninos, que tinha medo de levar o boneco pra casa e o pai brigar com ele. E o que a gente passou a fazer? Aconteceu isso em uma comunidade que a gente foi, que era uma comunidade bem dura aqui de São Paulo. A gente levou máscara e capa, e os bonecos também tinham máscara e capa. Os meninos pegavam os bonecos, mas eram super herói. Super herói pode. E eles levavam a capinha deles, a gente dava um jeito. Tenta. As meninas também ficavam sem graça de pegar um boneco, e aí de repente você via eles, depois que pegavam, brincando de papai, mamãe, casinha, você é meu filhinho. Assim, eu vi uma frase esses dias atrás: ninguém nasce preconceituoso, né? Isso é imposto pra você. A mesma coisa, o lance assim, você não pode brincar de boneca, ou não pode brincar. Quem falou isso pra você? Tá na nossa mão, o lance das bonecas, a Lindalva falou sobre a Maeli, que foi a bonequeira que a gente perdeu. A Maeli falava, aprendi muito com ela, e ela falava que fazer boneca, costurar boneca era um ato de resistência. E eu ria com ela, porque eu achava que não era um ato de resistência, é vontade de costurar. E ela fala que não, fazer boneca, representar uma pessoa na sua boneca, no seu trabalho manual, é resistência. Eu aprendi isso com essa mulher. Parece que não, mas é uma coisa importantíssima. Não só pras crianças, mas pra nós. Porque a gente não aceita do jeito que as coisas estão. E um jeito de não aceitar e carinhosamente, é fazer a boneca. Quer coisa mais linda que isso, né? Você pode sentar e costurar, dar a vida pro tecido. Aquilo ali vai virar o brinquedo de uma criança, vai virar fantasia dela. O que ela vai ser quando crescer, pode ser que na hora de um problema que ela tem em casa ela vai lá na caminha dela, vai chorar abraçada na boneca que você fez, ou vai contar segredos pra boneca. Então isso é uma coisa, a Lindalva falou que as bonequeiras são importantes, eu acho que é de extrema importância que a gente dê valor pro brincar das crianças. E se ela tiver uma boneca que ela pode se projetar, se entender e conversar, isso é melhor ainda. Ela tem o momento dela, é uma coisa linda, um presente. Quando a gente entregava as bonecas a gente contava

das mulheres que faziam essas bonecas "olha, essa boneca veio de uma moça que veio lá, sei lá, Mato Grosso do Sul, sabe onde é o Mato Grosso do Sul?", a gente contava, sabe? "ela costurou pra você! Aqui dentro da boneca, tem plumante, tem amor, carinho. Ela fez pensando em você!". Tudo isso é um jeito de deixar as coisas mais leves. Essas crianças tem uma vida tão sofrida, sabe? O pouco que você faz pra eles é tanto, uma boneca de pano, que pra uma criança que hoje em dia tem Iphone, Ipad, e pode não ser nada, pra essas crianças é a única coisa que elas vão ter. Então quando você realiza o tamanho do poder que é você fazer uma boneca com as suas mãos, é um ato de resistência.

Lindalva: Bárbara, você lembrou da Maeli, e outro dia o filho dela tava falando que ele tá voltando pra São Paulo, e a saudade que ele tava da mãe. Tudo, de tudo que ele aprendeu com a mãe. E ele tinha feito algumas postagens sobre algumas comunidades de povos tradicionais que ele tinha conhecido. E ele tá fazendo especialização acho que é em Londres, e aí ele falou "a minha mãe amava ser bonequeira! Mas eu guardo ela comigo." e me mandou uma foto, acho que de uma das poucas contribuições em coisas que fiz pra bonequeiras, era uma abayomi que eu tinha feito, e uma que a mãe dele fez naquela oficina que a gente fez na sua casa. E ele me mostrou a foto.

Marcia: Lindalva? Eu tenho essa bonequinha que você fez aqui comigo. É uma titica assim. Vou lembrar onde ela tá. Que você ensinou a fazer, e no final falei que essa boneca ia ser minha, e eu pedi e você deu.

Lindalva: Na hora que ele mostrou essa foto, eu me acabei! E era num dia que eu tava muito deprimida, muito! E ele mostrou essa foto, ele tá fazendo especialização pra medicina, sabe? Pra mim, é muito forte! E aí é isso, o quanto de histórias que a gente não tem noção do quanto as pessoas foram de fato impactadas com as ações. Essa coisa da criança não se identificar com aquela boneca que é a sua cara, isso diz um monte de coisa, né? Tem um vídeo, famoso. As duas bonecas são iguais, a branca e a preta, e criança se identifica com a boneca branca. E aí vai pra um outro tanto de discussões e tudo. E aí as bonequeiras foram pioneiras de ter esse tanto de bonecas com toda essa especificidade que depois acabou vendo que

vários empreendedores apareceram fazendo bonecas específicas. E que acho muito importante, válido.

Marcia: Olha ela aqui, ó! Você que fez!

Lindalva: Muito linda!

Marcia: E ainda assim, a cor do corpinho não é essa, mas era o que tinha.

Lindalva: A gente tava com pouco tecido de malha preta.

Marcia: Não tinha malha, mas tá aqui ó, guardadinha!

Lindalva: A proposta tá aqui, né.

Bárbara: Falando disso, dessa importância toda, o meu filho, um menino, branco, típico, que estuda numa escola particular, levou para a professora sobre as Bonequeiras Sem Fronteira. E eu fui convidada pra ir na escola e conversar com as professoras a respeito, e aí, elas fizeram macaquinhos de meia, porque a escola dela tem uma parte forte de voluntariado, então, durante o sétimo ano, desde então, já tem 5 anos que isso acontece, as crianças do sétimo ano fazem macacos de meia, que eu aprendi com as Bonequeiras Sem Fronteira, pra doar no final do ano, que eles começam a fazer durante o ano inteiro, o tempo todo isso é trabalhado, e aí agora no final do ano eles doam junto com os presentes, eles doam os macaquinhos feitos pelas crianças da escola. **Então assim, eu acho que envolve e impacta, como a Lindalva falou, não é só quem ganha a boneca. É a família de quem faz a boneca, a mulher que aprende. A Marcia não sabe costurar e aprendeu, a Maeli não sabia pegar numa agulha e aprendeu, outras que não sabiam fazer croche aprenderam a crocheter. E isso tudo, é uma rede que a gente não tem noção até onde a gente vai, sabe? Impacta todo o grupo. E cada vez mais, embora a gente tenha tanto tempo parado, a gente percebe que nós fomos as pioneiras, a gente começou, mas essa sementinha tá espalhada.** Tem muito lugar que as mulheres estão fazendo bonecas pra doar, e continuam doando. Muita mulher que aprendeu a costurar com a gente e sustenta a família fazendo isso. Assim, é muito maior do que a gente imagina.

Eduarda: Meninas, eu queria colocar pra vocês, que muitas das perguntas que eu havia preparado vocês responderam com excelência. Dei uma olhada no meu roteiro, e tudo foi contemplado, então, queria que pra finalizar vocês comentassem sobre o impacto do projeto na vida de vocês e também quem está ao envolto.

Maria Aparecida: Nossa questão nossa, enquanto professora, ser humano, diversas profissões que nós temos, é o respeito à diversidade. Pensar que eu sou único. Eu penso assim, meus anos todos de trabalho com criança, sala de 35, 45 crianças, cada um é único. Trabalhar a individualidade de cada um, respeitando cada um na sua individualidade, né? Então, acho que isso. Essa preocupação em tratar a criança como um ser único, porque não tem como ele. Acho que é mais ou menos por aí.

Marcia: Além do que a Cidinha falou, tem a questão da força do grupo. Porque era um grupo coeso e muito forte, e que a gente enfrentou muito perrengue, não foram poucos não. Mas a gente conseguia e sempre comentava que o universo está sempre a favor, mas justamente, está sempre a nosso favor porque todo mundo tava unido, com um objetivo, com os mesmos princípios. E isso era o que fazia a coisa andar e dar certo, né? E a gente chegou onde tinha que chegar, e como a Cidinha falou, cada criança é única.

Vera: Você me lembrou agora uma coisa aqui. Em um dos mutirões, uma amiga que mora aqui perto, e ela não anda de elevador, ela tem fobia, e eu moro no quinto andar. Pois ela falou "mas eu quero ir participar!" e as escadas aqui são horríveis, mas ela veio. Uma das amigas que estava aqui desceu e subiu com ela os cinco andares, e são uns degraus altos, parece que são mais. Ela veio, participou, quis dar a contribuição dela, fizemos o mutirão, e na hora de embora descemos com ela. Então assim, mesmo ela tendo aquela limitação, aquele pavor, ela veio dar aquele carinho, aquele amor que ela tinha e que ia pra uma criança. Nós fizemos umas naninhas, e embora todos tinham o mesmo modelo, minha amiga pintava cada rostinho de uma forma, cada tecido sendo pensado. A Sonia pintava o rosto muito bem. Tínhamos esse cuidado, de pensar, de não é aquela coisa de produção mecânica, e ainda tiramos foto abraçada e até tenho pra passar. Colocamos o

nosso melhor mesmo, em cada boneca, mantinha, bichinho. Em cada um a gente colocava o nosso carinho.

Bárbara: O que vocês falaram sobre a diversidade e saber com um grupo que se dava bem, não só pra fazer as bonecas, como eu particularmente cresci muito como pessoa no grupo. Você acaba aprendendo a lidar com um monte de tipo de gente, e no final, a meta era uma só. Todas as diferenças, e tinham muitas! Eu lembro que chegou uma vez que gente tinha quase 700 mulheres no grupo, 700 pessoas no grupo. Existiam diferenças, e a gente chegava ali na hora, e não tinha partido político, não tinha ideologia religioso, não tinha boneca, mulher e criança e costureira. E era aquilo que a gente queria fazer, era um foco. E todo mundo, por mais democrático que o grupo era, a gente tinha o manual das bonecas, e as pessoas seguiam o manual de segurança das bonecas, e poucas vezes a gente teve problema de não gosto ou não quero. Não. É zero, perto de tanta coisa num grupo tão grande pessoas, e no Brasil inteiro. Gente do nordeste, sul, norte. Se você tem um foco, e se essas pessoas estão por uma mesma causa, a coisa anda. Andava, né gente? Fluía, era gostoso. Os mutirões. Tive alguns mutirões na minha casa, a gente passava 4 horas costurando e não via a hora passar. Era uma na máquina, outra cortando, outra enchendo... Dava 19 horas e de repente fazia um bum, um monte de boneca, ou manta, touca. É só, eu acho, eu sou, eu tenho uma síndrome de polianna pra algumas coisas. Acho que o bem ainda é maior. A gente só precisa se encontrar e ter foco. As bonequeiras me ensinaram isso, a Andrea me ensinou isso. A gente pode dividir o sonho da gente, eu falo pra Andrea, agradeço a ela todo dia por ela ter dividido o sonho dela com a gente, por ela ter dividido essa ideia maravilhosa com a gente, porque a gente se encontrou. Nessa hora o universo conspirou a nosso favor também. Um grupo muito grande, que embora, cada uma tá em um canto, a gente pode sentar e conversar horas. Porque é como se a gente fosse amiga de longa data, quase ninguém viveu o que a gente viveu, uma história bonita. Acho que o grupo fez isso, aqui estamos falando com você em 6, mas se você falar com qualquer uma dessas 300, elas irão de falar a mesma coisa, que sente saudade, que quer voltar. A gente aprendeu muito uma com as outras.

Vera: Uma vez bonequeira, sempre bonequeira.

Bárbara: Pra sempre, né, Vera?!

Marcia: Exatamente, é isso mesmo!

Maria Aparecida: Eu queria também falar, que teve uma fala sua que me tocou, essa questão de compartilhar conhecimentos, compartilhar saberes. Eu acho que isso foi uma coisa muito importante. Dentro da educação eu mesma sei que muita gente, a Marcia também, luta por essa questão, do trabalho em grupo, compartilhar conhecimento, né. As coisas não podem ficar guardadas com a gente, né?

Bárbara: Não, não!

Maria Aparecida: A gente vai pra um curso, e conta, e transmite pro grupo e passa pra frente. Porque a gente só cresce com isso. Tenho certeza que devo ter deixado uma contribuição do meu conhecimento, isso é muito valioso. Foi muito importante pra mim.

Bárbara: Eu penso assim, ainda falando da Maeli, porque a Maeli é uma coisa assim, Duda, um dia você pergunta pra Andrea o que era a Maeli, aquela força da natureza, e quando a Maeli apareceu na minha vida, foi uma coisa muito louca, e quando ela apareceu pra nós, as bonequeiras, né? A gente precisava de alguém pra entregar as bonecas, pra uma entrega nessa época, final de ano, e ia acontecer em Rio Claro, e a gente pediu carona porque a gente não conseguia, não me lembro direito o motivo, e ela tinha acabado de entrar no grupo e falou que leva. E eu "então beleza, você passa aqui na minha casa!" e aquela oba oba, ela chegou aqui em casa e falou "ai que legal, etc" as caixas já estavam fechadas, coloquei 200 bonecas no carro dela. No outro dia ela ia pra Rio Claro entregar as bonecas e tudo bem. Eu nunca tinha visto ela. Ela entrou, a gente conversou, e eu dei as bonecas pra ela e meu marido olhou pra mim e perguntou se eu conhecia ela, e eu disse que não. E aí ela chegou lá e falou pra Ivi "você deixa eu ver as bonecas?", a Ivi que foi a bonequeira que recebeu ela lá, ela deixou, abriu tudo. E depois conversando, essa foi uma história que a gente amava contar, porque ela falava assim "meu marido falou assim, e se tiver droga aí dentro?". Assim, eu não conhecia ela e entreguei as bonecas, ela não me conhecia e levou as bonecas. Era isso. O grupo de

bonequeiras era isso. A gente abria a casa da gente pra um monte de gente, que a gente não conhecia. A gente ia pra casa de gente que a gente não conhecia. A gente ia pra grupos e lugares que não conhecíamos, era cada história que você falava assim "tô protegida, o universo tá a nosso favor. Eu acredito nisso!". Esse compartilhamento, essa coisa do bem, essa coisa de pessoas do bem se encontrar por um bem maior, por uma causa maior. A gente teve a luz, que foi a Andrea, que fez a gente se encontrar, como aquele lance da fita vermelha, né? Toda pessoa que tem a fitinha vermelha ligada, vai se encontrar quando tiver que se encontrar. Eu falo muito, e quem me conhece sabe que eu sou a entusiasta desse grupo. Eu amo isso, amo ter participado, amo essa história. É uma parte muito forte da minha vida, e eu já falei com a Andrea que quero voltar o quanto antes, assim que possível. Eu acho que todas nós de alguma forma tem assim, a Lindalva falou, é trabalhoso, demora, a gente ficava estressada, tinha dia que eu não dormia, tinha noite que eu passava costurando, porque trabalho, tenho filho. Mas é tão compensador. Você vê o sorriso de uma criança abraçando uma boneca não tem preço. Era a parte mais feliz dos nossos dias e eu sinto uma falta gritante disso. Depois dessa loucura da pandemia, tem abraquinho precisando de carinho e boneca pra apertar. Me ajudem a chamar a Andrea.

Vera: Eu lembro que tinham muitos maridos que participavam, né? Eles iam, ia um pra levar, logo ensinava o outro a costurar, o irmão...

Bárbara: Marido, filho. Aqui em casa minha sogra, minha cunhada, minha mãe. Todo mundo ia trabalhar.

Vera: Era uma rede.

[Finalização com despedidas e agradecimentos].